

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Especialização em Infância e Família: avaliação, prevenção e intervenção

Relação Mãe-Criança e Problemas de Comportamentos Externalizantes
em crianças de 6 meses a 4 anos:
Estudo Longitudinal

Aluna: Graziela Iochims Spolavori

Orientadores: Cesar Augusto Piccinini e Marcela Bortolini

Porto Alegre, 26 de Abril de 2017.

Sumário

Introdução.....	3
Justificativa.....	8
Objetivo.....	8
Método.....	8
Participantes.....	8
Delineamento e Procedimentos.....	9
Instrumentos.....	10
Considerações Éticas.....	11
Análise de Dados	11
Caracterização do Caso	12
Discussão dos Resultados.....	30
Considerações finais.....	35
Referências Bibliográficas.....	36
Anexos	41
Anexo A- Cronograma	42
Anexo B- Ficha de Dados Demográficos da Família	43
Anexo C- Entrevista sobre Experiência de Maternidade	45
Anexo D- Inventário dos Comportamentos de Crianças CBCL 11/2 5	48

INTRODUÇÃO

Na literatura é consenso que o desenvolvimento emocional das crianças está diretamente relacionado a sua interação familiar e ao registro dessas vivências. Estudos tem mostrado que os pais apresentam papel fundamental no que se refere à qualidade e às dificuldades na relação com o filho, as quais podem representar associação com comportamentos disfuncionais, como por exemplo, problemas de comportamentos externalizantes na infância (Patterson et al., 1992). Nesse sentido, o presente estudo visa investigar a relação pais-criança, quando a criança pré-escolar apresenta problemas de comportamentos externalizantes. Para este fim, a revisão de literatura contempla aspectos referentes aos problemas de comportamento externalizantes em pré-escolares e sobre a relação pais-criança, especialmente através dos conceitos de práticas parentais e de apego.

A família, segundo Moreira, Bedran, Carellos e Passos (2013) é uma instituição vital para a organização social e psíquica do ser humano. Considerando as vivências familiares e sua função facilitadora ou prejudicial, em alguma medida, Falceto (2008) lembra que família é mais do que a soma de seus membros, é um sistema vivo com leis próprias de funcionamento. O autor afirma que nas famílias com funcionamento saudável há um equilíbrio nos processos de morfogênese (flexibilidade para mudar com o passar do tempo) e homeostase (estabilidade de funcionamento ao longo do ciclo vital) possibilitando que todos os membros possam se desenvolver de acordo com suas necessidades, garantindo a inevitável passagem pelas crises vitais. Uma família com um bebê precisa ser coesa para poder fazer frente à difícil tarefa de prover todas as necessidades físicas e emocionais do filho, em contrapartida, com o crescimento da criança a família precisa ser flexível em suas regras internas e mais permeável à sociedade para facilitar o desenvolvimento da autonomia do filho e sua socialização crescente.

Em termos de sistema familiar é importante pensar sobre o modo como os adultos irão desempenhar sua função. Nesse sentido, Zanetti e Gomes (2014) destacam que as funções parentais, na contemporaneidade, podem ser exercidas com pouca consistência e coerência em decorrência de aspectos socioculturais, visto que estes têm provocado nos pais sentimentos de insegurança e dúvidas frente à tarefa de educar, fragilizando as funções parentais e ocasionando a frequência de comportamentos de agressividade, teimosia e/ou agitação em crianças de dois a quatro anos, num ambiente escolar.

Acerca da manifestação destes comportamentos, Lobo, Flach e Andreatta (2011) esclarecem que as dimensões de psicopatologia infantil categorizadas por Achenbach (1991) dividem-se em transtornos externalizantes e transtornos internalizantes. Os primeiros referem-se a problemas direcionados ao ambiente ou a outras pessoas, como transtornos disruptivos, hiperatividade, agressividade e comportamentos antissociais. Já os transtornos internalizantes, por sua vez, caracterizam problemas direcionados à experiência interior, como a ansiedade, isolamento e depressão.

Especificamente sobre os problemas de comportamento externalizantes, Alvarenga e Piccinini (2007) destacam que o modelo conceitual proposto por Patterson e colegas (1992), enormemente reconhecido para a compreensão dos comportamentos de externalização, evidencia o impacto da relação parental no desenvolvimento social infantil nos primeiros anos de vida, e enfatiza a importância da investigação do temperamento infantil e das estratégias de interação dos pais. Nesse mesmo sentido Lobo, Flach e Andreatta (2011) em sua revisão da literatura verificaram que a qualidade da relação entre pais e filhos exerce grande influência no desenvolvimento das crianças, fatores como, instabilidade familiar, vivência de adversidades nos primeiros anos de vida, práticas parentais coercitivas, histórico de psicopatologia parental, entre outros, estão associados ao aumento do risco de dificuldades emocionais e comportamentais em crianças, como por exemplo, os problemas de comportamento externalizantes.

Sobre os comportamentos externalizantes Patterson et al. (1992) analisam seu padrão considerando a funcionalidade no ambiente e a efetividade relacionada à interação familiar por meio do reforçamento de condutas inadequadas e dos modelos oferecidos pelos pais. Para esse autor a criança aprende que seu comportamento coercitivo minimiza ou evita exigências do ambiente e garante gratificações imediatas. Quanto mais o comportamento disfuncional se consolida como padrão de conduta persistente, mais difícil se torna para que haja mudança, sendo assim Pinheiro et al. (2006 citado por Caminha et al., 2011) afirmam que as condutas impróprias podem ganhar indomáveis formas, como temperamento impetuoso, comportamento desafiador e intransigente a frustrações associadas a déficits cognitivos e inaptidão no manejo social.

Acerca da relação parental, a literatura a investiga por meio de diferentes concepções e conceitos (Bowlby, 1969; Darling & Steinberg, 1993; Baurim, 1966; Hoffman, 1975). No presente estudo, estas serão investigadas através dos conceitos de práticas educativas parentais e vínculo emocional, devido a importante associação destas

com problemas de comportamento externalizantes na infância. Segundo Reppold, Pacheco e Hutz (2005) as práticas educativas parentais são estratégias utilizadas na orientação e socialização do comportamento dos filhos. O processo de socialização da criança é muito influenciado pelo contexto familiar, especialmente pelos pais. Nesse sentido, Steinberg (2000) afirma que o contexto familiar é o meio pelo qual a criança adquire comportamentos adequados e esperados em sua cultura. Hermam-Stahl e Petersen (1996), sobre práticas educativas parentais, ressaltam que características como demonstração de afeto positivo, intimidade e comunicação familiar têm sido associadas ao bem-estar infantil e a menores índices de estresse psicológico e de estratégias adaptativas. Nesse mesmo sentido, Lobo, Flach e Andretta (2011) em seu estudo destacam a contribuição de McDowell, Parke e Spitzer (2002) de que existe uma importante relação entre as características dos pais, o tempo despendido com seus filhos, as práticas parentais adotadas e o posterior desenvolvimento de psicopatologias e dificuldades de comportamento.

Cassoni (2013) em sua revisão sistemática e integrativa da literatura sobre estilos parentais e práticas educativas parentais constata a influência predominante dos trabalhos de Baurind (1966, 1971), Darling e Steinberg (1993) seguidos dos trabalhos de Maccoby e Martin (1983) e Chao (1994).

Com relação às práticas educativas parentais, segundo Darling e Steinberg (1993) estas seriam estratégias e técnicas utilizadas pelos pais para socializar, controlar e desenvolver valores e atitudes nos filhos. Este conjunto de estratégias disciplinares utilizadas pelos pais, segundo Hoffman (1975) divide-se em duas categorias, são elas: estratégias indutivas e estratégias coercitivas. Ambas têm por função comunicar à criança o desejo dos pais de que ela modifique seu comportamento, bem como pressionar a criança a obedecer. As estratégias indutivas indicam para a criança as consequências do seu comportamento chamando sua atenção para os aspectos lógicos da situação, enquanto que as estratégias coercitivas incluem aplicação direta de força, punição física, privação de privilégios e de afeto e ameaças. O fato de que estratégias coercitivas tendem a produzir emoções intensas de medo, raiva e ansiedade é trazido como um alerta por Hoffman (1975) pois dificulta a compreensão, por parte da criança, da situação e da necessidade de modificação do comportamento, sendo assim não favorecem a internalização das regras sociais e padrões morais.

Nos trabalhos de pesquisa empíricos que investigam os efeitos das práticas educativas parentais Cassoni (2013) ressalta que são numerosos e tem foco principal nos

prejuízos causados e sua associação a problemas de comportamento. Dentre os estudos destacam-se Alvarenga e Piccinini (2001), Besnard; Verllaan; Capuano; Poulin; Vitaro (2009), Bolsoni-Silva; Rodrigues; Abramides; Souza; Loureiro (2010), Cia; Paplin; Del Prette (2006), D'Ávila-Bacarji; Maturano; Elias (2005) De Salvo; Silvares; Matos; Toni (2005) e problemas de externalização Alvarenga e Piccinini (2009); Alvarenga; Magalhães e Gomes (2012).

Além das práticas parentais estarem associadas aos problemas de comportamento externalizantes, o vínculo emocional pais-criança também vem sendo destacado como um importante fator para a manifestação dos comportamentos de externalização. Caminha et al., (2011) salienta a diferenciação do conceito de apego e vínculo apresentado por Ainsworth (1989), apego como sendo aquele emitido pelo bebê que opera no sentido de ativar cuidados por parte dos responsáveis e, conforme vai sendo respondido o bebê começa a criar um laço, chamado de apego, com as figuras que o atendem. Já vínculo afetivo diz respeito a um relacionamento emocional e psicológico relativamente duradouro no qual o outro é considerado importante, sendo assim, apego tem todas as características de um vínculo afetivo, mas soma-se a elas uma sensação que resulta em conforto e segurança.

Ainsworth (1989) a partir dos estudos de Bowlby nas décadas de 1960 e 70 apresenta uma classificação dos tipos de apego, falando em três tipos: apego seguro, apego inseguro ambivalente, apego inseguro esquivo, posteriormente Mary Main (1991) definiu a existência do apego desorganizado. A ocorrência de um apego seguro geraria, na criança, confiança para se afastar do cuidador e se engajar em outras atividades, já no caso de apegos inseguros a criança tenderia a não se sentir confortada e segura. Bowlby e Ainsworth destacaram que o tipo de apego estabelecido tem influência significativa no desenvolvimento do *self* e na forma como a pessoa vai se relacionar com o mundo no futuro e colocam como aspecto principal a sensibilidade e responsividade dos cuidadores às demandas da criança.

O estilo de apego influencia a cognição, as emoções, os comportamentos e a fisiologia que se desenvolvem como parte do repertório de um indivíduo. Segundo Hazan e Shaver (1987 citado por Dattilio, 2011) os estilos de apego começam no início da vida e formam a base dos relacionamentos futuros, portanto pessoas que sofrem de insegurança devido ao apego inseguro tem probabilidade aumentada de reagir ao comportamento

desfavorável com hostilidade, manifestação de raiva disfuncional e menos disposição a perdoar.

Alguns teóricos apresentam diferentes dimensões acerca das práticas parentais. No presente estudo, será destacada a compreensão teórica de Hoffman (1994), que diz que existem duas formas utilizadas para modificar o comportamento dos filhos: as estratégias indutivas e as coercitivas. As estratégias indutivas possibilitam a compreensão de suas ações e da necessidade de mudança no seu comportamento, sendo a forma mais efetiva, pois atinge o objetivo disciplinar mostrando à criança as consequências do seu comportamento e chamando sua atenção para os aspectos lógicos da situação, sem consequências punitivas. Já as estratégias de força coercitiva são marcadas pela aplicação direta da força e do poder dos pais, com punição física, perda de privilégios e afeto e uso de ameaças, forçando a criança a comportar-se de modo adequado.

Dado este cenário a que uma criança possa estar exposta, Bowlby (1976/2006) ressalta a finalidade da família e relaciona a saúde mental a uma ligação afetuosa, íntima e contínua entre o bebê e sua mãe (ou mãe substituta), na qual encontrem satisfação e prazer. Uma criança precisa sentir que é objeto de prazer e de orgulho para sua mãe, assim como uma mãe necessita sentir uma expansão de sua própria personalidade na personalidade de seu filho: ambos precisam se sentir profundamente identificados um com o outro.

Além das práticas educativas parentais e do apego, outros preditores dos problemas de comportamento externalizantes são importantes de serem referidos. Borsa, Souza e Bandeira (2011) destacam que o baixo nível socioeconômico é um fator de risco para a presença de problemas de comportamento, uma vez que crianças de escolas públicas e de baixa renda apresentaram maior prevalência de problemas de comportamento que crianças oriundas de escolas privadas e de maior renda familiar. Tal aspecto reforça o grande impacto da pobreza para a saúde mental dos jovens. Salienta-se, ainda, a importância de uma maior atenção para o impacto das relações familiares para o surgimento e manutenção de problemas de comportamento em crianças.

Aded, Dalcin, Moraes e Cavalcanti (2006) seguem considerando que transtornos psiquiátricos têm sido relacionados a eventos traumáticos sofridos na infância. O comprometimento da saúde mental e a futura adaptação social das vítimas variarão de indivíduo para indivíduo, conforme o tipo de violência sofrida e a capacidade de reação diante de fatos geradores de estresse. Prati, Couto e Koller (2009) fazem uma consideração sobre família como um sistema interacional em desenvolvimento e apontam que a

vulnerabilidade é uma denominação utilizada para caracterizar famílias expostas a fatores de risco, sejam de natureza pessoal, social ou ambiental que potencializem a probabilidade de adoecimento de perturbações psicológicas de um ou mais de seus membros em situações recorrentes de uso de drogas, negligência, violência doméstica e outras condições prejudiciais ao desenvolvimento saudável desse grupo.

JUSTIFICATIVA

Esta monografia justifica-se pela relevância do assunto da relação mãe-criança, em particular as práticas parentais e sua relação com os aspectos vinculares em bebês e crianças pequenas com idades até quatro anos que apresentam problemas de comportamento externalizantes. Possibilita uma reflexão sobre a associação de práticas parentais equivocadas e do vínculo parental e suas consequências presentes e futuras para a saúde mental e a adequação dos comportamentos infantis. Trata-se de um estudo longitudinal, que apresenta um acompanhamento da criança e sua mãe. Segundo Baltes (1968) citado por Mota (2010) nesse tipo de delineamento um mesmo grupo de sujeitos é visto em diferentes momentos. Como o mesmo sujeito é acompanhado ao longo do tempo, esse delineamento controla as diferenças individuais e torna-se muito relevante para as pesquisas em Psicologia.

Objetivo

Diante do exposto, o presente estudo visa investigar a relação mãe-criança, em particular as práticas parentais e o vínculo mãe-criança ao longo dos quatro primeiros anos de vida, em crianças que apresentam problemas de comportamentos externalizantes. Diante disso, espera-se com base na revisão da literatura que a criança que apresenta problemas de comportamento externalizantes aos quatro anos de idade tendeu a ter uma mãe que empregasse práticas parentais coercitivas ao longo dos seus quatro anos de vida e que teve dificuldade em estabelecer um vínculo emocional saudável.

MÉTODO

Participantes

Participou deste estudo uma díade mãe-criança, cuja criança apresentou escore clínico de problemas de comportamento extenalizantes no *Child Behaviour Check List* (CBCL), quando tinha quatro anos de idade. O participante foi selecionado de um estudo

maior, intitulado “*Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do sexto mês de vida do bebê ao final dos anos pré-escolares*” – CRESCI (Piccinini et al., 2012). O CRESCI tem como objetivo investigar o impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo de crianças, desde seu sexto mês até o final dos anos pré-escolares. Mais especificamente, busca comparar, ao longo desse período, o desenvolvimento de crianças que frequentaram ou não a creche, e relacioná-lo a qualidade dos ambientes institucional e familiar. O projeto iniciou em 2011 acompanhando 77 famílias, dentre estas 29 de bebês que frequentavam a creche (Grupo 1) e 48 de bebês que eram cuidadas prioritariamente pela mãe ou por outros cuidadores, como babá e familiares (Grupo 2). As famílias cujos bebês ingressaram na creche foram recrutadas em duas creches públicas federais (uma pertencente à universidade e outra a um hospital público federal), e as demais famílias principalmente através da mídia ou por indicações. Além das famílias, o estudo também contou com a participação de 18 educadoras das duas creches. O projeto envolveu várias fases de coleta de dados: Fase 1 (6º.mes); Fase 2 (12º. mês); Fase 3 (18º. mês); Fase 4 (24º. mês); Fase 5 (3º ano); Fase 6 (4º ano); Fase 7 (5º ano). Ao longo deste período, o desenvolvimento dos bebês foi sendo avaliado e foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, questionários e escalas com as mães e com os pais, visando avaliar sua percepção sobre o desenvolvimento da criança, bem como a qualidade do ambiente familiar. Foram também realizadas filmagens da interação livre mãe-bebê e pai-bebê. Por sua vez, a qualidade das creches também foi avaliada, e as educadoras preenchem escalas e questionários sobre sua percepção a respeito da adaptação da criança à creche e do seu desenvolvimento. Para fins do presente estudo, foram considerados os dados coletados em todas as fases do CRESCI. Devido poucos pais (sexo masculino) terem participado de todas as fases do CRESCI, o presente estudo contemplou apenas as mães e as crianças

Delineamento e Procedimento

Foi realizado um estudo de caso único (Stake, 2006), com caráter retrospectivo e longitudinal, com o objetivo de investigar a relação mãe-criança, em particular as práticas parentais e o vínculo mãe-criança ao longo dos quatro primeiros anos de vida, em uma criança que apresentou problemas de comportamentos externalizantes.

De acordo com as fases do Projeto CRESCI, a relação mãe-criança foi investigada aos seis meses, doze meses, vinte e quatro meses, três anos e 4 anos da criança.

Instrumentos

Ficha de dados demográficos da família (CRESCI/ NUDIF, 2011): visa obter alguns dados demográficos, tais como idade da mãe e do companheiro, escolaridade, profissão, estado civil, existência de outros filhos, religião, tempo de trabalho, número de moradores da casa e classe social (Anexo B)

Entrevista sobre a maternidade (CRESCI/ NUDIF, 2011): a entrevista investiga a experiência da maternidade no momento da coleta de dados. É composta por blocos de questões que investigam sentimentos, expectativas e crenças da mãe e do pai sobre o bebê, sobre si mesmo e sobre o companheiro, atitudes parentais em determinadas situações. Além disso, investiga a rotina do bebê, incluindo as principais atividades e principais cuidadores, bem como os motivos relacionados a deixar ou não o bebê na creche e a práticas educativas. Essa entrevista foi aplicada em todas as fases contempladas no presente estudo, e sofreram pequenas modificações de acordo com a idade da criança. (Anexo C)

Child Behavior Checklist 1½-5 – CBCL (Achenbach & Rescorla, 2000): avalia problemas de comportamento e competência social em crianças pré-escolares, por meio de informações fornecidas pelos pais. É composto de 100 itens relativos a descrição de problemas de comportamento que podem estar presentes ou ausentes na vida da criança. Os pais classificam os itens de acordo com a seguinte escala: item falso ou comportamento ausente (score=0); item parcialmente verdadeiro ou comportamento às vezes presente (score=1); e, item bastante verdadeiro ou comportamento frequentemente presente (score=2). O instrumento traça um perfil comportamental baseado em oito escalas: 1) Retraimento; 2) Queixas somáticas; 3) Ansiedade/depressão; 4) Problemas com o contato social; 5) Problemas com o pensamento; 6) Problemas com a atenção; 7) Comportamento de quebrar regras/disruptivo; e 8) Comportamento agressivo. As escalas 1, 2 e 3 são denominadas de escalas de internalização, enquanto as escalas 7 e 8 são chamadas de escalas de externalização. A soma dos escores brutos obtidos nas escalas comportamentais corresponde ao total de problemas de comportamento. O autor recomenda pontos de corte que determinam as categorias não-clínica, limítrofe e clínica nas escalas de problemas de

internalização e externalização (abaixo de 60 pontos: categoria não-clínica; de 60 a 63 pontos: categoria limítrofe; acima de 63 pontos: categoria clínica). (Anexo E)

Considerações Éticas

O projeto CRESCI, do qual o presente estudo faz parte, foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Protoc. N° 2010070) e pelo Comitê de Ética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (Protoc. N° 100553), sendo considerado ética e metodologicamente adequado, de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo Seres Humanos Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Os participantes foram, desde o início, informados sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa e puderam decidir livremente sobre sua disponibilidade em participar do estudo e, em continuar participando de todas as fases posteriores. Com isto, foi assegurada a autonomia das mães que quiseram participar. A privacidade e a confidencialidade foram asseguradas, sendo que o material obtido por meio das entrevistas e dos instrumentos foi identificado por um código e devidamente arquivado no Instituto de Psicologia da UFRGS. Ressalta-se que, durante as coletas de dados, caso se percebesse demanda por atendimento psicológico, os casos teriam sido encaminhados para o serviço de atendimento psicológico da UFRGS. Todos assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*.

Análise de dados

Foi realizada uma análise de conteúdo qualitativa das entrevistas “Experiência da Maternidade” (Laville & Dionne, 1999) para investigar a relação mãe-criança, em particular as práticas parentais e o vínculo mãe-criança segundo categorias derivadas dos próprios dados e da literatura.

O *CBCL* foi analisado conforme instruções dos autores.

O caso foi apresentado nas seguintes seções em cada fase: 1) Caracterização do caso; que aborda características sociodemográficas, contexto familiar da mãe e do bebê 2) Relação mãe-criança, no qual foi abordado especialmente as práticas parentais e o vínculo; 3) Problemas de comportamentos externalizantes, no qual foi caracterizado os comportamentos externalizantes ao longo dos anos; 4) Questões emocionais da mãe, na qual foi referida algumas características da mãe, que estiveram relacionadas à relação mãe-

criança; 5) Discussão do caso, apresenta uma compreensão dinâmica do caso, relacionando todas as informações disponíveis.

Caracterização do Caso

A criança alvo deste estudo é a segunda filha de um casal de classe média, chamada Bruna. Os pais, Cristina e Fábio¹ têm Curso Superior Completo. Moram juntos o marido, a esposa e as duas filhas e não possuem enteados. O casal morava junto há 11 anos na ocasião do nascimento da Bruna e os dois tem 39 anos. Possuem uma Secretária/Babá que já está na família desde o nascimento da primeira filha. O marido trabalha fora com uma jornada diária de 8 horas, 5 dias na semana e a Cristina deixou de trabalhar ainda durante a gravidez, possuía um estabelecimento próprio.

Seis meses de idade da Bruna

Nos primeiros meses de vida a experiência social da Bruna consistiu basicamente no contato mais intenso com a mãe, suas tias maternas e sua babá. Quanto a categoria **Relação Mãe Criança**, na entrevista dos 6 meses, a mãe Cristina conta como foram os primeiros momentos após o parto e relata sua preocupação com estes primeiros cuidados, visto que passou por dificuldades decorrentes de complicações médicas: *“Tive uma complicação, foi um erro médico. Eu saí do hospital com uma sonda, fiquei quarenta dias, tive que fazer outra cirurgia. E eu consegui controlar bem assim, não tive depressão, não tive nada disso, mas fiquei muito mal. Emocionalmente foi muito difícil. Aí tinha que pegar o nenê e eu não conseguia, e além disso tive que ir duas vezes pra emergência porque me deu complicação então foi bem complicado, contudo consegui amamentar até os cinco meses. Então não podia naquele primeiro mês né, não dava, não podia pegar né. Não podia. Espero que não tenha dado, no futuro, mas acredito, espero que não. Querida, minha filha. Vamos dar a volta olímpica.”*

Ao longo dos relatos dos seis meses destacam-se os cuidados maternos e a presença de uma rotina pela qual ela preza, mencionando sua prioridade e compromisso em manter uma sequência de cuidados: *”Ela acorda em torno de sete e meia da manhã e fica na caminha dela, não chora, fica brincando. Aí eu acordo com os barulhinhos dela, sempre eu que acordo. Meu marido continua dormindo, levo ela pro nosso quarto. Deixo ela na nossa cama, aí ela toma o mamazinho, eu ligo um desenhinho, aí a gente acorda a irmã e*

¹ Todos os nomes utilizados neste estudo são fictícios.

ficam as duas na nossa cama e a gente desce pra tomar café. Ela toma um suquinho, tira uma sonequinha umas dez e meia. Quando acorda mama de novo, muda fralda, mama de novo. Aí a gente vai almoçar, ela fica no carrinho do nosso lado. Depois do almoço a irmãzinha, vai pro colégio aí eu e ela damos uma dormidinha. Ela acorda, come uma frutinha, toma banho, desce, e fica bastante tempo no carrinho. Aí a gente bota umas musiquinhas, ela já tem o CDzinho que ela gosta, aí fica brincando até umas cinco e meia. Daí eu vou buscar a irmã no colégio, ela fica com a babá. Aí toma de novo outro mamá, e aí a mana chega, daí ela fica tri feliz, dá uns gritos, fica brincando, aí a gente janta, ela fica de novo no carrinho nos olhando. Toma uma outra mamadeira, e fica daí de noite mais no tapetinho. Ela fica com a gente, o tempo inteiro tem alguém com ela.

Cristina demonstra preocupação e incômodo com a quebra da rotina e isso fica evidente em outros trechos da entrevista, como por exemplo: *No final de semana a rotina muda, ela dá uma quebradinha. A gente procura evitar, porque a gente nota que ela já fica meio perdida. Então a gente procura manter o máximo possível a rotinha dela. Eu não gosto, acho que assim quando a gente sai da nossa rotina eu não gosto muito, mas não é com ela, eu é que não gosto.”*

Quanto aos **Comportamentos Externalizantes** não há, nesta idade, nenhum registro ou evidência de tais comportamentos nas entrevistas analisadas.

Quanto às **Características da Mãe**, ao falar sobre sua gestação, Cristina enfatiza suas expectativas e esperanças de uma gravidez mais tranquila do que a primeira, contudo relata que houve vários imprevistos que tornaram a realidade diferente do que ela esperava: *“Eu sou muito ansiosa, então eu queria que fosse tudo diferente na gestação, que fosse mais tranquila que a primeira. A minha ideia era trabalhar até o final. Mas eu sabia, pela primeira gravidez, que eu não podia, aquela coisa de super mulher, que eu fazia na primeira e que acabou que a minha outra filha nasceu um pouquinho prematura enfim eu não queria que acontecesse isso. Então alguma coisa que eu fiz errado, digamos assim, na primeira, eu queria evitar nessa segunda.”*

Cristina contou com auxílio das irmãs e da babá durante seu período de recuperação pós-cirúrgico e justifica a falta de participação paterna nos cuidados como algo esperado: *“Ele não é aquele pai de comercial que fica ali em volta, mas pra brincar é tranquilo, agora cuidados assim, cuidar, trocar fralda, dar banho, essas coisas todas são comigo. Mas eu não me importo. Ele cuidou muito mais de mim e deixou o bebê com as outras pessoas. Eu acho até que em função de que ele não tem esse jeito tão maternal, digamos*

assim, ele disse que preferia deixar elas com quem tem mais jeito e ficou mais comigo. Mas me deu todo o apoio necessário. Tranquilo”

A mãe traz uma importante informação para a compreensão da situação familiar ao revelar que, após o nascimento da primeira filha, o pai passou por problema de Depressão e necessitou de um longo período de acompanhamento permanecendo em terapia desde então: *“Eu acho que agora ele está curtindo bem mais e sendo bem mais pai do que ele foi na época da nossa primeira filha, que ele entrou em depressão quando ela nasceu. Então eu tinha dois bebês em casa na verdade. Aí a gente começou a fazer terapia, e a gente fez até o ano passado, e também. E aí ele, até hoje faz terapia individual. Já se passaram cinco ou seis anos que ele faz. Eu fazia terapia individual, ele fazia a dele e a gente fazia a de casal. Eu parei a minha agora pouco. Parei no ano passado. Não voltei, mas tô tri bem. A nossa de casal também, a gente parou agora.”*

A mãe sente-se sem tempo para fazer suas coisas pessoais, queixa-se do marido que não alterou seus hábitos anteriores e evita pedir auxílio a ele: *“Às vezes eu não quero, mas eu acabo fazendo um pouco mais do que eu queria, digamos assim, ou porque eu não quero ficar o tempo inteiro pedindo sabe. Faz isso, faz aquilo, não sei o que. Às vezes eu tinha vontade de dar uma lida no jornal. O que eu quero dizer é que os hábitos dele, ele não mudou, e os meus claro que tu, eu deixo de fazer muitas coisas por exemplo em função das gurias. E eu acredito que ele não deixe de fazer, por exemplo se encontrar com os amigos dele lá que eles fumam charuto, jogam pôquer.”*

Doze meses de idade da Bruna

Quanto à **Relação Mãe-Criança** a mãe relata novamente a rotina, na qual se percebe uma constância de alguns aspectos que se mantêm da rotina dos 6 meses: *“Ela acorda por volta de 8h da manhã e dá umas chamadinha, dá uns gritinho, mamá, aí eu já tô com a mamadeira pronta, ela toma a mamadeira no bercinho, levanta da caminha e chama de novo daí a gente vai, pega ela, geralmente a gente tá tomando café nessa hora daí desce com ela, daí ela fica ali no chiqueirinho brincando, dá uns gritinhos, conversa, quer chamar atenção, daí nessa hora geralmente, ela faz o cocozinho daí ela já avisa, a gente percebe, ela consegue manifestar que tá desagradando, daí ela fica brincando no chiqueirinho ou na caminha ou agora ela começou a ver DVD direto assim, ela olha e já fica pedindo e daí eu também consigo fazer minhas coisas de manhã, daí a mana, de vez em quando, dá uma brincada, mas a gente, tá sempre meio perto, mas não em cima assim*

o tempo inteiro. Daí ela toma um suquinho, tô só supervisionando assim, daí se ela precisar.

Quanto aos cuidados com a filha a mãe diz que gosta de dar banho e de sentar para brincar com ela, porém nem sempre está disponível para fazer isso e que isso é difícil para todas as mães: *“Eu gosto de dar banho nela, eu acho que ela é a coisa mais querida, ela adora, fica bem faceirinha, eu gosto quando eu tô mais livre assim, não tenho coisa pra fazer, sentar pra dar uma brincadeira com ela, ficar realmente com ela assim, não tá, como eu digo assim, às vezes tu tá, mas tu não tá dando a atenção necessária, ninguém consegue ficar. [...] Não existe isso, então, tem dias que é corrido, tem um monte de coisa pra fazer e aí ela fica, fica comigo mas não ganhando aquela atenção que ela merece.”*

Cristina comenta que evita sair com a filha, pois ela tem apresentado enjoos no carro e isso a deixa nervosa, evita levar a filha nos lugares, muitas vezes prefere não ir e fala sobre sua necessidade de ter um tempo pra si: *“Uma coisa que eu fico meio nervosa, que eu não sei como ela vai reagir é quando eu saio de carro com ela, ela tem ficado enjoada então eu fico nervosa porque eu acho que ela vai chorar e aí claro que sempre acontece, né, já tá chamando daí vem, (risos) não gosto de ficar levando ela em lugares, às vezes a restaurantes que não vai ser legal pra ela, daí eu penso, vai ser bom pra ela ou não vai, se não vai ser bom, às vezes eu nem vou ou prefiro não levar, deixo ela com outra pessoa, então eu acho que não vai ser bom nem pra ela e nem pra mim, eu acho que tem que ser que nem casal, tem que ter tempo pra tua filha e tempo pra ti, eu também quero ficar sozinha, eu também quero fazer as minhas coisas”.*

Cristina parece não ter muita paciência e, ao supor uma situação com a filha, usa a expressão “fechar o tempo” e sugere uma “palmadinha”: *“Ainda não aconteceu de chegar a hora de sair de casa para um compromisso e ela não querer ir, se recusar, mas eu ia descer, pegar a bolsa, [...], ia pra porta e sei lá, ó nós vamos sair e eu vou contar até 3 e tu vai estar aqui embaixo. 1, 2, 3, na terceira ia fechar o tempo, olha eu acho que ela ia levar uma palmada, eu sei que a gente não deve falar isso, né mas ela ia levar uma palmadinha na busanfinha, assim de leve, mas ia.”*

As situações com a criança são conduzidas pela mãe segundo as vontades da criança, ela conta que se a filha não quer dormir quando chega a hora porque não está a fim e ela dá um tempo: *“A gente tenta usar os artifícios de dar mamadeirainha, luz apagada, não funcionou. Canta musiquinha, pega no colo, sabe, não deu, não deu, pô não tá a fim de dormir ainda, dá mais um tempo pra ela. Aí quando eu, com bastante assim paciência e*

tudo, geralmente ela tá chorando daí, sabe, tudo, tem uma hora que embola o meio de campo e, mas se tá tranquilo e eu tô com humor maravilhoso assim, daí eu digo “ó filha, vamos lá, eu fico contigo”, a gente canta uma música, daí faz uma coisa mais lúdica. Distrai aí fica numa boa”.

Também na situação de se negar a comer determinados alimentos a mãe parece abrir mão de fazer a filha comer e busca alternativas de acordo com a vontade da criança: *“Quando ela não quer comer ou é porque não gostou ou é porque ela tá, não tá legal de saúde e eu não forço porque eu me boto no lugar dela assim, se alguém tivesse com uma colher me enfiando uma comida que eu não estava a fim de comer, então, se tá na hora do almoço e aí eu vejo que uma coisa ela não gostou, eu ofereço mais da outra ou dou daí uma sobremesa, alguma coisa assim pra dar uma reforçada, mas, não faço disso um drama.”*

A mãe fala sobre suas formas de conduzir a situação desde se abaixar e falar olhando nos olhos e distrair a filha até perder a paciência e recorrer à punição física: *“É, daí tu fala: “não mexe, não é pra mexer” daí ela geralmente para assim, se não parar daí eu vou lá, me abaixo do lado dela seguro a mãozinha e digo: “não é pra fazer, a mãe não quer” daí ela geralmente para, ou daí eu envolvo ela com outra coisa, “vamos brincar de outra coisa, vem cá vamos lá, daí eu tiro ela daquele lugar que ela quer mexer, mas se ela insistir e eu ver que ela tá provocando daí eu vou, vou ficar bem, daí eu fiquei aquele dia, sei lá, eu acho que a voz sai diferente, não sei o que é que acontece que ela sentiu e eu fiz assim na mãozinha, foi uma coisinha, só tirei ela mais forte assim e ela, foi a maneira de segurar, dei um tapinha de leve e ela ficou apavorada. (risos)”*

A situação com as roupas e agasalhos também é conduzida pela mãe de forma a buscar a opinião e a vontade da criança, deixando-a escolher as peças que quer vestir: *“Depende da situação, por exemplo se fosse um dia frio e ela quisesse colocar uma camiseta, eu ia: “filha, tá frio, nós vamos botar o casaco, tem esse e esse, qual que tu quer? Nenhum, então a mãe vai escolher” eu faria isso assim. Eu separava uma roupinha que combinava mais e ela não, não quero botar aquele casaco lá porque ele é da Polly, não sei o que, daí tá então tá vai com o casaco, ao menos tá com o casaco, agora o que não dá é pra sair destemperada, né.”*

Quanto aos **Comportamentos Externalizantes**, aos doze meses da criança, eles aparecem ainda de forma mais sutil em alguns momentos da entrevista, quando a mãe relata sobre a demora para obedecer, dificuldades nas horas de refeições em casa e ao

frequentar um restaurante em família: “É, eu acho que a situação mais difícil assim é quando a gente vai almoçar fora, que a gente tá tentando ir e ela não fica parada ali, talvez eu tenha que levar mais brinquedo não sei, daí o que é que acontece, fica estressante, as refeições tem sido mais difíceis, não acertei ainda esse ponto, como ela não come sozinha ainda eu, ela tem que comer antes, não tem como eu almoçar e dar ao mesmo tempo, então sempre alguém almoça antes, então o que tá mais difícil de controlar é isso aí, são as refeições, tanto em casa quanto fora”.

Quanto às **Características da Mãe** Cristina desabafa falando sobre seu sentimento de se sentir sobrecarregada e sem auxílio do marido que apresenta um padrão de comportamento paterno distante: “Às vezes eu me sinto meio sobrecarregada porque fica tudo muito comigo, o Fábio chega daí, penso coitado ele trabalhou o dia inteiro, só que às vezes tu trabalhou até mais, porque no trabalho tu para pra tomar um café, dá uma conversada, aqui tu não para nunca em casa. E aí eu às vezes, pego meio no pé dele, daí dá umas brigas, assim, tu não me ajuda, e daí de noite também, geralmente, quando dá tipo agora essa virose, eu tô há três dias sem dormir, porque o Fábio ontem ia viajar daí no outro dia ele tinha que trabalhar cedo, não sei o que, daí então claro, tu tá em casa daí fica mais ...Eu fico meio chateada por isso né. Mas não é, ele não tenho culpa, né.

Cristina se vê como uma mãe preocupada, dedicada, estressada, amorosa, de pouca paciência e que quer ser amiga das filhas: “Eu me descreveria como uma mãe, acho que preocupada, acho que às vezes eu sou muito estressada demais assim. Hã, dedicada, amorosa, super protetora, e, eu acho que a minha paciência tá maior apesar de eu ser ainda pávio curto eu consegui já melhorar nisso e, eu procuro ser amiga assim, quero, quero ser amiga delas, não, amiga mas assim, com respeito, né, não aquelas que aprontam todas assim. Porque eu acho que eu sou bem, sou uma mãe mais autoritária assim, não é não.”

Sobre seu relacionamento com o marido Cristina queixa-se da falta de tempo e das mudanças conjugais com a chegada dos filhos: “A gente não, não vai a cinema, a gente meio que para, né, a vida assim, e agora minha filha tá fazendo um aninho e a ideia é a gente tentar sair mais pra namorar e tudo e a gente tá também na função da casa então os assuntos acabam virando casa, filho, a gente não fala muito da gente, então é meio que, fica estranho, né.”

Dois anos de idade da Bruna

Quanto a **Relação Mãe-Criança** Cristina se percebe como uma mãe amorosa, ela se descreve como uma mãe atenciosa, sensível e disponível frente às necessidades da filha como, por exemplo, quando fala sobre sua decisão de estar mais presente com suas filhas após o nascimento de Bruna: *“Eu procuro dar o máximo de atenção e carinho pra ela, porque eu me propus, eu mudei toda a minha vida em função disso, ainda continuo, então eu costumo tentar ficar com ela o máximo de tempo possível.”*

Seu relacionamento com a filha é de carinho, a mãe parece ser calorosa, mas em diversos momentos revela pouca paciência e insegurança quanto ao futuro e sente-se frustrada quando não consegue atender a filha: *“Quando ela acorda, canto musiquinha, dou bom dia e ela canta junto, na hora de trocar a fralda. Daí só a voz muda quando a gente precisa dar um limite, ter uma voz mais firme assim.”*

A mãe busca evidências de que a filha tem conhecimento do amor que recebe em observações de interações com suas bonecas e suas dramatizações em brincadeiras. *“Eu acho que ela se sente bem amada. Porque ela é super carinhosa, ela é uma criança que é bem meiga. Eu vejo ela brincando com as bonequinhas dela, ela tapa, ela canta, eu acho que ela é uma criança que, entende bem o que que é carinho, entende o que é atenção, sabe dar carinho, quando é solicitada.”*

Cristina parece valorizar a presença e o contato físico, parece reflexiva e atenta quanto ao afeto que dá para suas filhas, demonstra preocupação quanto às demonstrações de carinho, buscando um equilíbrio e a divisão das atenções de modo a não prejudicar ou criar sentimento de ciúmes e fomentar comparações: *“Consigo dar mais atenção pra ela, enquanto a minha outra filha tá no colégio, que daí eu fico só com ela. Daí eu amasso mais assim, pego mais, beijo mais, porque eu acho que precisa um pouco mais de atenção nessa idade assim. Mas eu não posso deixar que a outra filha veja né. [...] Isso é bem complicado, parece que tá dando mais atenção pra uma do que pra outra, sabe, eu fico só com a pequeninha, então gera um conflito interno bem grande assim.”*

Dentre as preocupações da mãe destaca-se que ela julga necessário desenvolver maior autonomia na Bruna em comparação a sua irmã a qual classifica como muito dependente e com pouca iniciativa: *“Então, procuro deixar ela mais independente assim, a gente procura também forçar mais ela a demonstrar o que quer. Eu quero que ela seja uma criança bem sociável, porque a minha filha mais velha, é muito tímida e isso*

atrapalha muito, então eu acho que a gente passou muita insegurança pra ela, então isso eu me policio bastante pra deixar a Bruna ficar mais solta, mais livre.”

Cristina volta a falar sobre os enjoos da Bruna e o quanto isso interfere inclusive no contato com os avós e as outras pessoas e em sua amorosidade e questiona o fato de receber a entrevistadora em sua casa, porque não é comum receber pessoas: *“Eu acho importante o contato com o resto da família mas é difícil e ela tem esse problema de enjoar no carro. Eu gostaria que ela tivesse mais contato com os avós, porque é um carinho diferente né, ela chega ali no Shopping, ela já vomita, é horrível. Sabe então, eu evito muitas vezes sair com ela. [...] Ela conseguiria de repente, a amorosidade dela aumentar, porque só o pai e mãe e a babá aqui, e aí a mana, ela não teria que conviver com outras pessoas. Tanto que eu fiquei com bastante dúvida em relação à visita assim, na hora de responder a entrevista, porque eu não, não é uma coisa muito frequente assim.”*

Cristina procura falar sobre seu sentimento todos os dias para as filhas buscando fazer diferente de seus pais que nunca lhe diziam eu te amo: *“Eu tenho uma prática assim que eu procuro falar todos os dias, ao menos alguma hora eu olho bem no olhinho delas e digo ‘a mamãe te, eu te amo’, pras duas eu procuro falar, ‘eu já disse, que eu te amo hoje?’, porque eu não ouvia isso, eu nunca ouvi dos meus pais[...] eu procuro expressar e deixar como se fosse uma coisa natural, falar.”*

A mãe confessa seu medo com relação à educar errado, de deixar algum trauma, de a filha guardar mágoa e revela sua insegurança: *“Tenho medo dela não ser feliz, eu procuro dar bastante atenção, que eu acho que é o pior assim, de criar algum trauma nela, ou falar alguma coisa que ela vai levar pro resto da vida, eu acho que isso é o pior. É o que eu mais tenho medo, é de educar errado, então eu procuro tá sempre atenta, eu acho que esse é o meu maior medo, de educar errado.[...] Quando eu não consigo fazer ela se sentir melhor fico meio frustrada. É difícil, criança não guardar mágoa né, ela fica meio chateada, mas não chega a sofrer demais assim, fico um pouco frustrada por isso.”*

A mãe percebe que não está sendo eficiente na construção de limites, às vezes deixa ela experimentar porque não gosta de “gritar o tempo inteiro, de ser um general”, tem vontade de sair correndo, reconhece que não está disponível emocionalmente para construir os limites: *“Eu procuro sempre ensinar que tá errado tal coisa, mas se eu vejo que não tá resolvendo, eu deixo que ela acabe, não claro que não se machucando, que tudo tem um limite, mas né. Não mexe, não faz, aí ela vai lá e quer teimar, se não adiantar quando a gente fala o que vai ser. [...] Gritar o tempo inteiro é chato, eu não gosto de*

falar alto, eu não gosto de casa barulhenta, então eu tô tentando agora usar a técnica da cara mais feia assim. [...] Eu não vou mentir, tem vezes que dá vontade de sair correndo. Porque é o tempo inteiro. [...] É chato isso né, eu tento me controlar pra não virar um general dentro de casa. E, então é bem complicado assim, mas eu tenho todo tempo do mundo, mas não é sempre que a disposição tá compatível com o tempo né.

A mãe conta que gostaria de ter mais paciência com os comportamentos inadequados, talvez sua postura diante deles pudesse ser diferente, ela fica irritada por não conseguir lidar com essas situações da filha, quando perde o controle: *“Ela, quando tá chateada, ela fica braba, fica emburrada, joga tudo longe, fica agressiva. Daí é difícil de tu chegar e acolher assim, que ela fica braba, ela joga tudo longe, se joga no chão, tem chiliques e aí eu não tenho paciência pra chilique, por isso que eu digo que de repente, eu tendo mais paciência. [...] Quando eu não consigo eu fico, eu fico irritada. Fico irritada. Fico braba assim.”*

Quanto aos **Comportamentos externalizantes**, aos dois anos, eles ganham destaque e tornam-se bem evidentes, a começar pela alimentação que Cristina queixa-se de ter que sempre negociar os alimentos e as atitudes durante as refeições: *“Comer agora tá sendo mais difícil, tudo é não, tudo tem que ser negociado daí é uma fase que tá mais complicada, seria a alimentação. Então tu tem que negociar muito. [...] Ela tá almoçando, daí ela não quer mais almoçar, daí ela levanta da cadeira, fica em pé na cadeira assim. Eu digo ‘senta filha’, daí ela fica em pé e dançando assim, eu digo ‘filha, é pra sentar’, daí eu também me levantei na cadeira e fiquei em pé e digo ‘a mãe já ficou assim em pé uma vez’, ela dava risada. E aí, (risos) eu digo ‘a mãe não fica em pé assim, eu vou sentar e tu também’ e ela não senta. Daí eu digo ‘então tu senta pra tomar o suco’, daí, tudo é negociado, daí tem que fazer a chantagem, daí tá, daí ela senta pra tomar o suco.*

A mãe fala sobre o quanto sua filha não gosta de ser contrariada e classifica ela como boazinha, mas muito teimosa: *“Agora a parte emocional, a Bruna é uma criança, ela é muito boazinha, mas se ela é contrariada com alguma coisa é muito difícil de convencer ela a fazer outra coisa. [...] Ela é muito teimosa, muito, muito, muito teimosa.”*

Cristina relata uma situação que acontece com a ração do cachorro e com a água e o quanto precisa insistir para que a filha obedeça: *“Hoje ela derrubou, a ração do cachorro, eu tive que pegar. Daí eu comecei a pedir pra ela juntar e ela acho, que umas sete ou oito vezes no mínimo, ela saía, tinha que voltar, pedir de novo, mas eu insisto, eu não deixo a coisa frouxa assim, se eu falei que tem que juntar a comidinha, eu vou lá, nem que seja*

trinta vezes, ela vai juntar a comidinha. [...] Às vezes ela faz isso com a água, eu me altero quando eu já falei várias vezes que não é pra ela jogar a água do cachorro fora, daí ela pega a água e joga fora, daí ali eu brigo ‘eu já te falei que não é pra jogar água do cachorro! Não é, não é! Então é pra jogar a água do cachorro?’, “não”, ‘então não vai jogar água?’, ela vai ali e bota fora. (risos)

Novamente sobre a alimentação a mãe conta que a filha arremessa coisas em sua direção e suas atitudes não tem sido eficazes aumentando os enfrentamentos e fragilizando os limites: *“Hoje ela acabou de comer, não sei por que, ela jogou a colher longe e caiu no meu prato, depois jogou a mamadeira e veio pra cima de mim. Daí eu só fiquei olhando bem séria, daí ela começou a fazer careta assim e eu não achei graça, eu digo ‘não gostei, não é pra jogar a mamadeira na mãe, tá entendendo?’, daí ela ficava rindo, olhava pra irmã, daí a irmã meio que queria rir porque achou engraçado.”*

Quanto às **Características da Mãe**, Cristina sente-se bastante mobilizada diante das desobediências da filha e demonstra sua insegurança: *“Ela precisa saber, eu não sei se é a idade ou se eu sou muito rigorosa, mas que é muito legal fazer a bagunça, jogar os brinquedinhos tudo no chão, mas depois vai ter que guardar. E, e isso tá bem complicado assim. Eu canto musiquinha, eu ajudo, daí ela não ajuda, eu fico quieta, então isso eu ainda não sei levar muito bem, e é comigo. Que com a babá, ela guarda tudo.”*

Cristina reconhece que se preocupa muito com a organização e o controle: *“O pai não adianta, ele é bagunceiro, então fica muito essa parte de organização, eu fico muito, eu não gosto de bagunça, o pai não se importa. E nisso a gente é muito diferente.”*

Dentre as características maternas destaca-se a necessidade de controle, como ela mesma se define neste trecho da entrevista: *“Ih, controle cem por cento. Eu sou muito controladora, não só com a Bruna, tudo, eu sou bem controladora, bah demais. [...] Eu acho que eu podia ser mais flexível quando a coisa sai um pouco fora da rotina, sabe, por exemplo, final de semana, não precisa ter essa rotina espartana né, não precisa almoçar meio-dia e ponto, almoça mais tarde, daí ter mais jogo de cintura pra aí, vai almoçar fora, então leva um lanchinho, leva tal coisa. Isso ainda, quando sai daquela coisa eu ainda me perco, então eu queria ser mais flexível.*

A mãe enfatiza as brincadeiras da filha no que se refere às características semelhantes a ela, valoriza e percebe na criança a ordenação dos brinquedos e não a brincadeira em si: *“Coisa mais querida, ela brinca, ela tem várias brincadeiras, ela gosta de pegar vários paninhos e arrumar tudo em ordem, agora já tá naquela coisa de*

botar todos os guarda-chuvinhas das Pollys no lado, daí ela bota os guarda-chuvinhas ou pega todas as meias dela e bota tudo esticadinha assim, em volta da cama, organiza, bem da idade né. Então, ela se distrai muito facilmente com tudo, ela é uma criança que brinca sozinha bem tranquilo assim.”

A mãe se diz ansiosa: *“Eu acabo fazendo coisas, como eu sou muito ansiosa, antes que elas tomem a iniciativa. Eu acho que eu acabo sufocando, né, por exemplo, ah tem que guardar, tá eu vou guardar e aí de repente eu teria que dar um tempo pra elas guardarem. E eu não dou esse tempo, é agora, é agora, que eu quero, sabe.”* Em outro trecho ela diz que o marido chama sua atenção para ela relaxar, deixar as filhas: *“Eu acabo me estressando demais, o meu marido diz “mas tu, tu não pára. Deixa um pouco”, sabe “deixa, deixa elas fazerem um pouco” e toda hora eu tenho que perguntar ‘o que que tu tá fazendo?’, ‘Quer água? Quer bolacha?’, Sabe toda hora. Eu não consigo me relaxar.”*

Três anos de idade da Bruna

Aos 3 anos de idade Bruna continua em casa, ainda não frequenta a escolinha e sua mãe voltou a trabalhar. Isso trouxe novidades e algumas demandas diferentes. Quanto a **Relação Mãe-Criança** na entrevista dos 3 anos, Cristina relata sua volta ao trabalho e as dificuldades deste período: *“Eu tava com uma dificuldade, acredito que foi porque eu voltei a trabalhar, ela deu uma regredida em relação ao xixi, começou a fazer direto, e ela fazia e ela ria e a gente tentava usar várias maneiras, tentou primeiro conversar, depois mostrou que não gostou, ficou braba, deu um castigo, tirou o bico, vai dormir sem bico, não vai botar saia porque ela adora tá de saia, a gente tentou assim de várias maneiras, ou não dava bola, fazia de conta que não tinha visto e ela perguntava, tu viu que eu fiz xixi, então ela tava usando aquilo ali pra chamar a atenção, daí a dinda deu um livrinho de historinha, a gente contou várias vezes a historinha do patinho e não sei o que, e partir dali ela não fez mais xixizinho na calça, daí tá bem direitinho, realmente, na semana passada eu ia te dizer que eu tinha essa dificuldade mas a princípio isso se resolveu.”*

A mãe relata que gosta de brincar, de estar junto, mas que agora está mais complicado: *“Eu gosto de brincar, assistir televisão com ela, eu gosto de dar banho nela, assim de ficar lá, de fazer ela dormir, eu gosto mas tá sendo meio complicado [...]a princípio conviver com ela numa maneira geral assim eu gosto muito.”*

Cristina fala de outra dificuldade que está tendo agora: *“Ela tem me visitado diariamente a noite, tem saído, isso é uma coisa que tem nos incomodado bastante assim,*

ela acorda no meio da noite chorando assim daí eu pego e vou de novo com ela e durmo de novo lá, então tá esse vai e vem, mas a gente não deixa ela ficar na nossa cama, a gente sempre leva ela de novo pro quarto dela e o que ela fala é que ela não gosta de ficar sozinha, porque ela tem um quarto e a irmã dela mais velha tem outro.”

Mãe se percebe pouco envolvida nas brincadeiras: *“Eu gostaria de ter mais tempo, de conseguir brincar mais com ela, de coisas diferentes, que eu deixo às vezes muito ela sozinha, brincando sozinha, tô do lado mais ela fica, ela mesma ali. E de repente eu me cobro que eu deveria estar mais junto.”*

Ainda sobre as brincadeiras da filha a mãe conta que observa a filha, separa todos do mesmo tamanho, faz fila e brinca de escolinha com a irmã: *Agora ela tá bem na fase de pegar os bichinhos, fazer família daí ela conversa, eu consigo observar bem, coisa mais querida, eu não interfiro, fico no mesmo ambiente mas fico só ouvindo, brinca de família, bota tudo do mesmo tamanho um do lado do outro, faz uma fila. [...] Ela gosta de brincar de aluna com a minha filha mais velha (risos) ela faz de conta que vai na escolinha, pega a mochila, lanchinho, elas brincam assim, não dura muito, mas elas interagem bastante.*

A mãe gostaria que a filha fosse para a escolinha, mas estão terminando a construção da casa: *“Eu gostaria que ela fosse pra escolinha, ao menos um turno, mas a gente optou ainda, de deixá-la mais um pouquinho, até por questões financeiras, [...], porque a gente não conseguiu acabar a casa, ainda tem muita coisa pra fazer.”*

Quanto aos **Comportamentos Externalizantes** a mãe faz generalizações e acredita que ela esteja na idade do não, mais egoísta e diz que está difícil de lidar: *“Ela tá na idade do não, com 3 aninhos, é difícil de convencer de algumas coisas, ela é muito teimosa, ela, talvez pelo fato de não ir pra escolinha, ela tá assim muito egoísta, que já acredito que é uma fase que eles já tão muito individualistas então isso, acho que, pelo fato dela não conviver com crianças tanto da idade dela também sobressai essa característica, né, então isso é uma dificuldade, porque ela briga muito com a irmã, ela não gosta de ser contrariada, então essa parte tá difícil, tem que ter bastante paciência, é bem difícil porque ela tem bastante, não digo personalidade, mas ela, ela tem uma teimosia bem, bem difícil de lidar assim.*

A hora da refeição continua sendo problemática, na visão da mãe, que reclama da teimosia e agitação: *“O que eu menos gosto é na hora da refeição, quando começa aquele, eu não gosto disso, não quero aquilo, que daí nem eu almoço direito porque daí eu gosto de ter a refeição quieta, é o momento que eu acho importante, e muitas vezes não para na*

cadeira e aí tu tem que brigar e aí chora, não que seja constante, mas nos dias que tá assim mais agitado isso me incomoda, eu me irrita assim mais e a teimosia também.”

A mãe fala sobre sua desaprovação com relação às brigas das filhas: *“Quando as duas brigam, chega do colégio, cada uma quer assistir um programa de televisão ou as duas querem o mesmo brinquedo, então essa parte de briga me incomoda, não, não gosto.*

Quanto às **Características da Mãe** evidencia-se sua superproteção e sua necessidade de controle: *“Eu acho que eu sou uma mãe bem superprotetora e daí muitas vezes eu acho que sufoco, eu fico assim sempre em cima, faz isso, faz aquilo, é uma característica que eu tenho que eu constantemente tô me monitorando e, muitas vezes essa superproteção eu acabo até sufocando a criança, né então eu me considero assim bem cuidadosa, sou bem rigorosa, sei falar não.*

A mãe destaca que procura ser carinhosa e passar valores de certo e o errado: *“Procuro ser bem carinhosa, elogiar sempre quando eu vejo uma coisa que elas fizeram legal, procuro sempre passar a questão de valores pra ela, o que eu considera certo, errado, dar bastante ênfase, quando faz alguma coisa errado falar bem direitinho que não tá legal e quando tá certo também, eu procuro ter essa maneira assim de conduzir.”*

A mãe fala de suas dificuldades durante o período de volta ao trabalho, teve sintomas de ansiedade e necessitou de medicação: *“Eu tive um período estressante quando eu voltei a trabalhar, me deu uma ansiedade bem ruim e, porque eu tava já há mais de três anos sem trabalhar e aí o fato de voltar, por mais que tenha sido um horário, é perto do meu trabalho, tudo, hoje eu entendo mas, na hora pra minha cabeça foi bem complicado, tive uma crise de ansiedade bem séria, até fui em psiquiatra, tô medicada porque eu fiquei bem nervosa [...] eu deveria ter lidado de uma maneira mais natural, eu já tava querendo voltar, mas aquela coisa, quando surgia eu acabava recusando.”*

Cristina acredita que o pai tenha mais facilidade de ser respeitado: *“Ele tem mais pulso firme, o não dele vale bem mais que o meu, eu sou muito protetora então toda hora eu fico, não faz isso, não faz então o meu não de repente já fica meio que corriqueiro no ouvido delas e o não dele já pesa mais, ele não é muito parceiro assim, mas a gente procura dividir assim, um dia ele faz elas dormirem outros dias eu.*

Com relação aos cuidados do pai, a mãe fala de suas divergências: *“Eu acho que o que tem mais divergência é isso, dele dizer que eu não deixo elas respirarem, que eu fico muito sufocando assim, e eu já ao contrário, já brigo com ele porque eu acho que ele deixa elas muito soltas [...] ele deixa elas serem mais moleques assim, deixa ficar mais no*

pátio, se sujar, fazer tirolesa no pátio, deixar ficar com o cachorro rolando no chão. [...] Quando chego mais tarde, não deu comida, não deu janta, não acendeu a luz. [...] Acho que isso é tudo do universo masculino. [...] tudo fica meio assim esperando, né, na inércia, pra entrar a Cristina e a coisa começar a acontecer.

Sobre os cuidados da babá com a filha, Cristina diz que o que desagrada é que ela deixa a filha mais assistindo TV, mas compreende e justifica: *“Ela também faz a limpeza da casa, ela não fica só cuidando da Bruna, ela fica meio que vendo televisão, e ela não deixa brincar na rua até porque ela tem a responsabilidade além [...] o que eu concordo, também porque vai se sujar, enfim, vai se molhar, ela vai ter o trabalho dela e depois vai ter o dobro, mas às vezes ficar muito ali naquele quartinho vendo TV.*

Quatro anos de idade da Bruna

Aos quatro anos de idade Bruna passou por importantes mudanças, como o ingresso na escola. Quanto a **Relação Mãe-Criança** Cristina relata a rotina desta nova fase e de como isso interfere em sua interação: *“Então mudou um pouquinho a rotina dela, digamos assim, eu trabalho duas vezes na semana de manhã e todos os dias de tarde, ela continua com a mesma babá que tá com ela desde que nasceu, eu não consigo ficar muito com ela, eu dou preferência pra ficar a noite quando volta do colégio e de manhã eu tô sempre com ela em volta, mas nunca consigo ficar brincando parada com ela assim né, então, ela tá sempre aonde eu tô, a gente arruma a casa, arruma o quarto, bota a roupa para lavar, ela ajuda, ela adora ajudar.”*

A mãe fala sobre a rotina e as brigas com a irmã: *“Daí eu também tenho que ajudar a filha mais velha de manhã na hora do tema, dá um certo conflito, elas andam brigando bastante, as duas, que elas tem uma diferença de cinco anos e meio e elas, têm dias assim então que uma tem que ficar em cima e a outra embaixo, porque não rende elas brigam o tempo inteiro.”*

A mãe diz que a filha é tranquila, mas percebe as dificuldades em lidar com os comportamentos dela: *“Ela é uma criança assim muito tranquila de lidar quando ela tá fazendo o que ela quer, quando ela tá bem humoradinha, mas ela tem o gênio muito complicado, quando ela é desafiada, assim quando ela quer uma coisa que não vai ganhar ela é muito teimosa, daí ela é muito birrenta, às vezes ela não ouve, ela quer fazer do jeito dela então, esta parte é bem desgastante.”*

A relação entre mãe e filha tem sido conturbada e a mãe relata fatos graves, mas sempre amenizando a situação: *“Na maioria das vezes ela é uma criança muito tranquila, muito querida, só o que eu noto quando eu tô muito atarefada, quando eu tenho muita coisa para fazer, eu acho que ela sente, e aí ela precisa daquela atenção que eu não tô conseguindo dar aí a coisa fica bem ruim, ou ela briga com a irmã ou, ela tem uma coisa muito ruim assim, que eu faço artesanato em casa, e ela pega, e ela sabe que aquilo ali me deixa triste e ela pega às vezes e destrói as minhas coisas, ou pega adesivo que eu tenho que botar os adesivinhos, ela pega e coloca no lixo ou eu tô fazendo sabonete ela vai e amassa então assim ela tem este lado pra chamar a atenção birrento que isso me incomoda bastante assim e às vezes eu tenho uma dificuldade pra lidar com isso.”*

Bruna está em uma fase de desafiar, é o que diz a mãe, está cheia de vontades e a mãe vê semelhança consigo mesma: *“Eu acho que ela tá numa fase muito do desafiar, então, às vezes, o diálogo é bem complicado com ela, eu acho ela muito teimosa então tudo é motivo pra o não. Vamos escovar os dentes? Não, agora eu não vou escovar os dentes, tá na hora, tem que meio que brigar pra escovar os dentes, porque eu fico pensando assim se agora não quero não sei o que tu vai deixando vai ficando aquela coisa frouxa então parece que ela pede aquele limite, daí tu vai botar meia, não, não quero esta meia e joga a meia longe pega outra meia sabe (risos) tem dias assim que é aquela implicância, eu não quero pentear o cabelo com esta escova, eu quero outra, e daí vai dando um negócio assim então esta parte eu acho que ela tá muito cheia de vontades, e dá esta colisãozinha assim. Eu não sei se no fundo a gente não é igual (risos) e aí eu quero, ela quer, e cada uma quer uma coisa né e dá um estresse assim.”*

A mãe busca encontrar motivos ou culpados para as atitudes mais agressivas da filha, afirmando que isso não fazia parte do repertório da filha antes: *“Ela sempre foi assim, mas agora tá mais aflorado, talvez porque ela esteja indo pro colégio daí ela vê as outras crianças tendo algumas reações, porque ela tem uma irmã menina não tem a mania, elas brigam, mas é briga mais de falar não é soco, não machuca e agora eu vejo que ela me conta que o fulano cospe - isso é uma coisa que não tem lá em casa, mas ela, ela já sabe que é feio antes ela, naquele início de ano assim foi meio complicado ela começou a ter umas reações que não eram dela, agora ela já entende que não é bonito aquilo, que não se arranha o colega, são brincadeiras mais masculinas que pra ela é uma novidade né, aflorou um lado dela assim que eu não conhecia e não sabia como lidar.”*

A adaptação na escola foi tranquila: *“A adaptação foi super tranquila, quando chega na escola ela tem um ritualzinho, boto o carro sempre no mesmo lugar, ela vai andando na pontezinha que tem, aí a mana que é a mais velha leva ela até a porta, eu tô junto, aí abraça, boa aula mamãe te ama, obedece a professora. Ela entra numa boa e a mana vai para a aula dela e na saída eu pego ela na salinha.”*

Fala sobre a rotina da filha na escola: *“Na escola eles têm a rotinha, ela leva o lanche, daí então eles chegam e eles já sabem direitinho, a coisa mais amada, tem uma salinha onde eles largam, tem uma geladeirinha, e eu já aviso ohh tem que colocar na geladeira, ela já sabe, então eles já tem essa parte bem, eles são bem autônomo já assim é bem bonitinho. A gente não tem acesso à sala de aula na entrada, só na saída.”*

Em casa a mãe também valoriza as rotinas e os rituais: *“Sempre, sempre a gente reza antes de dormir agradece o dia e cada uma faz o seu pedido e ai antes de dormir eu sempre falo a mesma frase né, é um ritualzinho digamos assim que eu acho que é importante para ela se sentir, pra criança se sentir confortável.”*

Os **Comportamentos Externalizantes** de Bruna estão presentes em diversas situações. Bruna iniciou este ano na escola e já houve troca de professores, a mãe diz que a outra professora tinha mais jeito pra botar limite: *“Com a outra professora ela tem um jeito mais ela bota bastante regras, bem firme, então eles tem as combinações que aqui às vezes não seguem né agora ela já está melhor mas eu até já vi bilhete na agenda e dessas coisas de sair correndo na fila de combinar de sentar no tapetinho daí ela sai e vai para lá e leva os outros juntos, ela tem este lado mais teimosinho, daí essa professora ela disse que avisa três vezes, depois da terceira daí ela tira alguma coisa, mas é tudo avisado antes. Então nisso pra ela foi complicado, porque ela tentou desafiar e ela viu que a coisa ali não ia adiante, então isto está sendo bom, porque ela é bem pulso firme. Combinei com a professora que a gente vai se comunicando pela agenda”.*

Na escola a professora usa o sinal de positivo e negativo com a mão e Bruna tem usado estes sinais em casa: *“Ela achou o máximo fazer isso aqui ohhh mãe hoje eu tô assim, daí hoje eu fui ajudante (risos). Agora quando eu brigo com ela, ela faz mãe tu tá assim hoje ohh, aí faz o dedo para baixo aí eu digo a mãe nunca tá assim, a mãe tá te educando não tem que mandar na mãe (risos).”*

Bruna demonstra interesse pelas letras e pelos livros, contudo suas atitudes na biblioteca já foram alvo de queixas da professora: *“Ela tá com essa necessidade de ver as letrinhas de querer ver livrinhos eles vão na biblioteca toda semana tiram livros. Aí na*

primeira vez que ela foi na biblioteca a professora disse que ela corria por tudo, daí tinha que pegar na estante amarela. Ela foi pegar na estante lá do segundo grau o livro que ela queria sabe toda, agora não, ela disse que já aprendeu, que ela tem que tem que pegar lá naquela estante amarelinha, então é isso, é muita novidade pra ela, que ela não sabia o que fazer com aquela ansiedade, agora ela já tá acalmando, ela já tá indo, vendo que ela tem que, aquilo tudo é grande, mas nem tudo ela pode fazer ainda como ela achava né, então eu acho que agora ela já tá mais calma digamos assim, mas a curiosidade, o aprender tá muito aflorado nela assim.”

Quanto às **Características da mãe** ressalta-se desta entrevista o trecho em que a mãe fala que não se sente frustrada com a opção que fez de ter deixado o lado profissional em segundo plano: *“Eu fiz opções na minha vida [...] mas eu não, eu não me sinto frustrada nesse lado é uma opção que eu fiz de ter mais tempo com as gurias de melhorar minha qualidade de vida familiar e deixar meio de lado o lado profissional [...] tu tem que abrir mão de algumas coisas para ganhar outras e eu abri mão do lado profissional tenho um emprego que eu não ganho bem, mas é perto da minha casa então são concessões que eu fiz para conseguir ficar mais com as gurias e eu nisso me sinto bem, sinto feliz”.*

Suas características como mãe, segundo sua definição são: *“Sou bem exigente, carinhosa, mas eu tenho sempre muito em mente assim mostrar o que é certo e o que é errado, trabalhar com limites é uma coisa que eu às vezes acho que até sou dura demais, porque eu fico toda hora cobrando isso, tipo rédeas curtas. Eu me acho muito dominadora, eu acho que eu tinha que deixar elas terem mais as vontades delas, assim, trabalhar (silêncio), como que eu posso dizer, é complicado eu acho que tô sempre em volta questionando o que tu tá fazendo? [...] Eu quero dominar tudo, controlar tudo, sou muito controladora, isso aí eu não curto muito, mas é meu jeito.”*

Cristina não tem vergonha de demonstrar suas fragilidades para as filhas e não vê problema nisso, acha que isso é bom para suas filhas: *“Eu não tenho vergonha de chorar na frente das gurias, não tenho vergonha de dizer eu tô cansada, não tenho vergonha de dizer eu tô triste. Eu quero que elas vejam que a mãe [...] é uma pessoa forte, que elas vão sempre poder contar, mas que esta pessoa tem sentimentos, esta pessoa também não é perfeita, às vezes, ela fica brava, ela grita, ela se estressa, mas sabe pedir desculpas.”*

Cristina queixa-se da falta de iniciativa do marido e do quanto isso sobrecarrega a ela: *“O meu marido não tem grandes iniciativas pras coisas do dia a dia de casa, ele não é uma pessoa que chega e diz: - ah hoje deixa que eu vou no supermercado hoje, deixa que*

eu faço tal coisa. Antes eu ficava pedindo daí eu comecei a me sentir muito mandona, aí eu tô tentando fazer não pedir tanto sabe não ficar, só que eu acabo às vezes me sentindo sobrecarregada. Eu acho que a principal mudança é isso, eu tô tentando ver se eu consigo levar as coisas meio que sozinha, mas no mais eu acho que a vida continua igual.”

Sobre o marido como pai da Bruna: *“Ela é um denigo pra ele, nenezinho, bebezinho. Ele é um pai, eu acho que podia ser mais presente, ele é muito desligado, na parte mais de cuidados. Ui, é terrível! (risos) Ele diz: vou dar banho na pequena tá aí ele fica no whatsapp e ela fica tomando banho sozinha tá, ela lavou, tu lavou ali o xixizinho dela? não ela se lava sozinha. Ou então, então assim esta parte de cuidado assim, às vezes quando eu saio de manhã assim aí chego tá todo mundo ainda de pijama (risos) meio dia todo mundo de pijama vendo TV, mas é aquela coisa bem sem estresse, eles tem pouco tempo juntos. E essa coisa dessa internet, desse telefone que tá sempre naquele telefone, né, eu acho que isso ele podia ser mais presente nesse lado, mas enfim eu já dei vários toques, e se o jeito dele é esse eu tenho meio que respeitar né então eu tento suprir este lado.”*

Ele proporciona brincadeiras mais livres para a filha: *“Eles gostam de ficar muito pelo pátio, procuram bichinhos no meio das folhas, ele é completamente diferente, então é legal também, ela adora, ele é apaixonada pelo pai, então eles adoram ficar os dois lá no mundo deles lá na floresta.”* Contudo a mãe conta que algumas noites o pai se responsabiliza de colocar na cama e fazer dormir: *“A gente tem algumas noites de revezamento, digamos, quando ele não tá na faculdade eu vou dormir mais cedo daí ele fica com elas na função antes de dormir aí tem o jeitinho deles ela escolhe o livrinho tem o ritualzinho que tem que aham e é sempre muito tranquilo”.*

A mãe fala das discordâncias entre ela e o marido, e de como os dois lidam com as situações: *“A nossa combinação é de evitar que fique um contra o outro e isso a gente tem bem focado assim, a gente tenta não discutir na frente delas, mas às vezes é inevitável nós somos muito diferentes então às vezes um quer fazer tal coisa o outro quer ficar naquela coisa e vai aflorando [...] mas a gente procura fechar nos nossos pensamentos.”*

A mãe busca sistematizar um dia da família: *“A gente combinou que toda sexta-feira é o dia da família então sexta-feira é o dia que a gente larga telefone, larga tudo, a gente janta junto sempre tem uma janta mais legal aí elas escolhem o que vão comer daí a gente faz a janta juntos eu e o Fábio, a gente tenta tomar um vinho, uma cerveja, mas não tá dando muito certo ainda, sempre aparece uma ou outra coisa, ... mas a gente tá*

tentando insistir, sexta-feira elas já sabem, hoje é o dia da família? Sim hoje é o dia da família pra ficar junto, e a gente está tentando fazer alguma coisa pra ter o nosso momento.”

Discussão dos Resultados

Apesar das complicações decorrentes de um erro médico cometido no parto, nos primeiros momentos de vida da Bruna houve a constante presença de um cuidador que, além da mãe, estiveram disponíveis as tias e a babá suprindo os cuidados e fazendo a maternagem. A mãe não podia fazer esforços, pegar no colo e revelou receio da falta que fez para a filha nestes primeiros momentos. Este período das primeiras horas após o nascimento tem papel fundamental na vinculação emocional da mãe com o seu bebê (Carter, 1998).

Esta vinculação se consolidou ao longo dos anos, apesar dos percalços, Cristina pareceu ser uma mãe presente e atenciosa. Segundo Bowlby (2006) a mãe, por sua simples presença e ternura, pode agir como um “organizador” da mente de uma criança, ainda nos estágios muito pouco desenvolvidos de crescimento inicial. A relação vincular entre Cristina e Bruna foi produto da ativação de sistemas comportamentais tanto da mãe como da criança, dentro de um processo de mão dupla no qual o bebê se comunica a seu modo. Houve um investimento emocional por parte de ambas, mãe e bebê. Seu relacionamento com a filha foi de carinho, a mãe pareceu ser calorosa, mas em diversos momentos revelou pouca paciência e certa insegurança quanto ao futuro. Zamberlan (2002) diz que apego é uma ligação afetiva que forma laços temporais e espaciais e seus comportamentos indicativos buscam obter ou manter proximidade, interação e comunicação e estão incluídos os comportamentos de aproximar-se, seguir, sorrir, chorar e chamar, quando a criança é separada de um agente específico (Ainsworth & Wittig, 1969). Zamberlan (2002) afirma que a base do apego como um fator primário para o estabelecimento de relações configura-se, prontamente, na vinculação inicial mãe-bebê. Em decorrência disso tal questão tem sido analisada concomitantemente com a relação mãe-criança.

Portanto ao descrever os aspectos da interação mãe-criança, Zamberlan (2002) apresenta estudos que enfatizam que as interações e características maternas apresentam-se em duas classes gerais de comportamentos maternos que têm sido examinadas: 1º) cuidados a necessidades físicas de rotina, e não envolvimento e 2º) responsividade e interação voltada à diversão ou brincadeiras e estimulação educacional. Seus estudos

contemplaram também a definição destes conceitos, afirmando que os cuidados de rotina não são estáveis (Clarke-Stewart, 1986) e não predizem a competência subsequente, mas o envolvimento com estimulação vocal orientada ao objeto é amplamente estável e está diretamente correlacionado com resultados subsequentes de competência infantil (Bradley, Caldwell & Stedman, 1977; Zamberlan, Grossi, Moura & Boldo, 1995)

A apresentação do caso ilustrou sua forma de interação mãe-criança e observou-se alternância entre responsividade, afetividade, apoio e respeito às individualidades e em alguns momentos nos quais sua atenção esteve mais voltada aos cuidados e necessidades e baixa disponibilidade afetiva, inclusive permitindo auto-regulação por parte da criança. Dentre as preocupações relatadas pela mãe destaca-se que ela julga necessário desenvolver maior autonomia na filha em comparação a sua filha mais velha a qual classifica como muito dependente e com pouca iniciativa, isso revela algumas questões emocionais na mãe e pode ser um fator de influência relevante na medida em que esta sua preocupação demasiada em desenvolver uma autoconfiança na filha pode ser levantada como uma hipótese de conduta que permitiu auto-regulação, sendo interpretado como um afrouxamento das exigências na medida em que deixou a filha mais solta para tomar as suas decisões ainda que muito pequena.

Segundo Pacheco e Hutz (2004) as mães que percebem seus filhos com temperamento difícil interagem menos e são menos responsivas; relatam exercer um controle menos firme e serem mais permissivas com o comportamento agressivo (Belsky, 1984). Os trechos ilustram esse temperamento difícil e a dificuldade da mãe em lidar com eles: *“Ela tem o gênio muito complicado, quando ela é desafiada, [...] quando ela quer uma coisa que não vai ganhar ela é muito teimosa [...] não ouve, quer fazer do jeito dela, esta parte é bem desgastante.[...] ela pega o artesanato que eu faço em casa [...] destrói as minhas coisas, [...] coloca no lixo o que eu tô fazendo, [...] amassa, [...] eu tenho dificuldade pra lidar com isso.”* Seus comportamentos desafiadores eram persistentes: *“Ela derrubou a ração do cachorro [...] Às vezes ela faz isso com a água, eu me altero quando eu já falei várias vezes que não é pra ela jogar a água do cachorro fora, daí ela pega a água e joga fora [...], ‘então não vai jogar água?’, ela vai ali e bota fora. (risos).* Em outro trecho a mãe relatou que ela arremessa coisas em sua direção e suas atitudes não tem sido eficazes aumentando os enfrentamentos e fragilizando os limites: *“Ela jogou a colher longe e caiu no meu prato, depois jogou a mamadeira e veio pra cima de mim. Daí eu só fiquei olhando bem séria, daí ela começou a fazer careta e eu não achei graça, eu*

digo ‘não gostei, não é pra jogar a mamadeira na mãe, tá entendendo?’ , daí ela ficava rindo”.

A baixa disponibilidade afetiva e a permissão da auto-regulação, somados a outros fatores podem ter influenciado o surgimento de comportamentos de externalização detectados na pontuação do CBCL, aonde Bruna pontuou com escore clínico para os comportamentos externalizantes, o que aponta para uma possibilidade dessa propensão se transformar num problema de comportamento persistente dependerá da sequência de eventos vivenciados no seu ambiente de convívio dentre muitos outros fatores envolvidos.

Segundo Marin (2009) é inegável que os fatores ambientais e estruturais da vida das famílias sejam relevantes na determinação das práticas educativas parentais, assim como o número de crianças, o espaço físico da casa, a segurança do bairro e uma série de outros fatores.

As implicações da influência socioeconômicas das classes menos favorecidas têm sido destacadas como podendo levar a práticas coercitivas entre os pais e a problemas emocionais e comportamentais entre crianças, contudo Marin (2009) faz um alerta para as generalizações mal aplicadas, todavia o fato de as mães e os pais terem mais acesso às informações e/ou maior nível de escolaridade não garante que eles estabeleçam uma relação menos coercitiva no exercício da parentalidade. Bem e Wagner (2006) citados por Marin (2009) alertam que é preciso ter cuidado para não incorrer em preconceito, pois não são apenas as famílias de nível social baixo que agredem física e verbalmente seus filhos, aquelas de níveis socioeconômicos mais elevados também o fazem, mas de modo mais encoberto e, muitas vezes, usam a coerção sob a forma de pressão psicológica. Nestes trechos a seguir pode-se observar alguns exemplos de atitudes coercitivas sutis: Aos doze meses: *“aí tu fala: “não mexe, não é pra mexer [...] não é pra fazer, a mãe não quer [...] vamos brincar de outra coisa [...] se ela insistir e eu ver que ela tá provocando daí eu vou [...] eu acho que a voz sai diferente, não sei o que é que acontece que ela sentiu e eu fiz assim na mãozinha, foi uma coisinha, só tirei ela mais forte assim [...] dei um tapinha de leve e ela ficou apavorada. (risos)”*. Aos três anos: *“Voltei a trabalhar, ela deu uma regredida em relação ao xixi [...] ela fazia e ela ria e a gente tentava usar várias maneiras, tentou primeiro conversar, depois mostrou que não gostou, ficou braba, deu um castigo, tirou o bico, vai dormir sem bico, não vai botar saia [...] fazia de conta que não tinha visto e ela perguntava, tu viu que eu fiz xixi.”*

Segundo Pesce (2009) as associações entre problemas de comportamento e variáveis do ambiente familiar têm sido verificadas. A quantidade e/ou qualidade de eventos de vida negativos provenientes da família são apontadas como particularmente prejudiciais ao desenvolvimento da criança e como fatores condicionantes para problemas de comportamento na infância. Esse fato foi demonstrado por Ferreira e Marturano (2002), que, ao acompanharem dois grupos de crianças com e sem problemas de comportamentos, constataram que o grupo de crianças sem problemas de comportamento pareceu favorecido por um ambiente familiar mais apoiador e supridor de necessidades. A forma como os pais interagem e educam seus filhos parece ser crucial à promoção de comportamentos socialmente adequados ou de comportamentos considerados, pelos pais e/ou professores, como inadequados, déficits ou excedentes comportamentais que prejudicam a interação da criança com seus pares e com os adultos de sua convivência (Silva, 2000).

Essa relação foi bastante permeada pelas características maternas, especialmente por um padrão rígido, sem paciência e ansioso. Cristina reconhece que se preocupa muito com a organização e o controle: *“Eu sou muito controladora, não só com a Bruna, tudo, eu sou bem controladora, bah demais. [...] Eu acho que eu podia ser mais flexível.* Em outro trecho a mãe se reconhece muito ansiosa: *“Eu acabo fazendo coisas[...] antes que elas tomem a iniciativa. Eu acho que eu acabo sufocando [...] Eu sou muito ansiosa.”.* Zamberlan (2002) salienta que algumas características maternas, como: insensibilidade, distúrbios psicológicos depressivos crônicos, altos níveis de ansiedade materna ou inconsistências nos cuidados, são extremamente relevantes no desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. Alvarenga e Piccinini (2004) destacam o conceito de intrusividade materna. A intrusividade pode ser definida como uma tendência ao controle exagerado dos comportamentos da criança, que demonstra pouca sensibilidade a sua necessidade crescente de autonomia. Mães intrusivas costumam monitorar cada passo da criança, reagindo com perguntas, comentários ou repreensões frequentes, tal conduta intrusiva dos pais estaria relacionada aos problemas de externalização. (Oliveira, Frizzo & Marin, 2000).

Ao mesmo tempo que a mãe reconhece seu excesso de preocupação e controle não quer parecer um “general”, não gosta de “gritar o tempo todo e, às vezes, deixa a filha “experimentar”, então essas suas dúvidas causam mais insegurança e ela verbaliza: *“Tenho vontade de sair correndo.”* Reconhece que nem sempre está disponível emocionalmente para construir os limites e questiona-se sobre seu estado emocional e o quanto isso

influencia nas interações com a filha, sentindo-se insegura a mãe confessa seu medo com relação a educar errado, quanto a deixar algum trauma, de a filha guardar mágoa: *“Tenho medo dela não ser feliz[...] de criar algum trauma nela, [...] educar errado. É difícil, criança não guardar mágoa.”*

A paternidade, assim como as relações familiares, segundo Staudt e Wagner (2008) são processos complexos e multi influenciados que interagem com aspirações individuais e subjetividades, dessa forma, ser pai implica poder pensar e refletir esses processos e, na medida do possível, buscar condições e maneiras de exercer esse papel de forma mais autêntica, espontânea e plena. Quando a paternidade não é exercida de forma a dividir cuidados e tarefas neste período mais intenso pode haver uma sobrecarga e uma exaustão materna, este fato vem muito ao encontro do sentimento relatado pela Cristina visto que seu marido apresenta um padrão de comportamento paterno distante e ela sente-se chateada e sobrecarregada, queixa-se que é tudo com ela: *“Quando chego tarde, ele não deu comida, não deu janta, não acendeu a luz. [...] tudo fica meio assim esperando, né, na inércia, pra entrar a Cristina e a coisa começar a acontecer.”*

Falceto, Fernandes e Kerber (2012) ressaltam que, ao contrário da grande quantidade de estudos publicados sobre os fatores ligados a depressão pós-parto materna, pouco se sabe sobre o desenvolvimento de tais sintomas nos pais. Segundo os autores supracitados comumente o homem demonstra mais dificuldade na formação do vínculo afetivo com o filho, comparado com a mulher, que tipicamente é socializada de forma a aprender a lidar com crianças e, além disso, apresenta taxas elevadas de ocitocina, hormônio reconhecidamente associado com a formação do vínculo mãe-criança. O pai da Bruna passou por um período de depressão logo após o nascimento da primeira filha e necessitou de um longo período de acompanhamento permanecendo em terapia individual desde então, além da terapia individual da Cristina e terapia de casal. Cristina lembra que na época era como se tivesse “dois bebês” em casa, o marido e a filha. Sobre seu relacionamento com o marido Cristina queixa-se da falta de tempo e das mudanças conjugais com a chegada dos filhos como poucas oportunidades para sair e para namorar. Falceto, Fernandes e Kerber (2012) entre os fatos associados á Depressão paterna estão uma maior ansiedade frente a difícil tarefa de cuidar de um recém-nascido, ciúme pela dominância do papel materno, relativa exclusão do homem da dupla mãe-filho, diminuição temporária do interesse sexual da parceira e a ênfase no papel do homem como provedor.

Como uma resposta a todos estes fatores, segundo Falceto, Fernandes e Kerber (2012) se potencializam as preocupações financeiras e a consequência é a maior dedicação do homem ao trabalho, o que pode diminuir ainda mais o tempo destinado ao relacionamento pai-filho. O medo de falhar nas tarefas de provedor, apoiador emocional e parceiro romântico está relacionado ao estresse psicológico paterno, levando, em muitos casos, ao desenvolvimento de sintomas depressivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do presente estudo apresentam evidências que endossam a expectativa inicial de que a relação mãe-criança caracterizada por práticas parentais pouco efetivas e um vínculo emocional pouco saudável poderiam influenciar na presença de problemas de comportamentos de externalização da criança. O presente estudo avançou ao investigar as características emocionais maternas, as quais tendem a influenciar a relação mãe-criança, a construção de limites e as práticas parentais. Estes resultados apoiam a literatura que destaca que é inicialmente, no contato com os pais, que a criança aprende uma série de habilidades necessárias para a orientação em seu ambiente social. Alvarenga e Piccinini (2004) afirmam que esse repertório passará por contínua transformação, em decorrência do ingresso em novos grupos sociais e das exigências e desafios impostos pelas vivências fora do grupo familiar.

Os autores deste estudo indicam que os diferentes contextos, características maternas, relação mãe-criança e manejo com os filhos, vão para além da indução e da coerção. Evidencia-se, no estudo longitudinal em questão, que houveram práticas que exemplificam e corroboram com Alvarenga e Piccinini (2009) quando apresentam algumas pesquisas indicando outros aspectos como a intrusividade (Dumas & LaFreniere, 1993), o caráter contingente das práticas (Patterson & cols., 1992), a autorização de autonomia (Denham & cols., 1991), o envolvimento positivo e o uso do controle assertivo – ordens e pedidos claros e diretos – (Patterson & cols., 1992), apresentando estes aspectos como variáveis relevantes para o entendimento dessa relação. Nesse sentido, pressupõe-se que além do uso demasiado da coerção, pais de crianças com problemas de externalização sejam também pouco assertivos, mais intrusivos e permissivos. Isto inclui reforçar positivamente comportamentos inadequados ou utilizar pouco o reforçamento positivo para aspectos adequados da conduta dos filhos, assim como dar ordens confusas ou ambíguas à

criança, ignorar ou reforçar negativamente comportamentos agressivos e desafiadores, entre outras atitudes.

Apesar das limitações de um único caso, instrumentos respondidos apenas pela mãe, a possível presença de desejabilidade social, a ausência de triangulação dos dados, destaca-se a importância dos achados ao trazer evidências sobre a relação mãe-criança e o desenvolvimento emocional das crianças com problemas de comportamentos externalizantes que corroboram com a literatura.

Neste sentido, é muito importante que os profissionais de saúde se mantenham atentos à qualidade das relações afetivas entre as díades mãe-filho e também nas famílias, para que possam eventualmente atuar, minimizando as marcas que relações afetivas inadequadas possam trazer para as crianças. Alvarenga e Piccinini (2001) aponta o estudo de Pettit e Bates (1989) indicando que o afeto somado a uma atitude educativa e positiva da mãe estaria consistentemente relacionado à ausência de problemas de comportamento, enquanto que o uso predominante ou muito frequente de práticas coercitivas e a ausência de um envolvimento positivo da mãe seriam preditores de problemas de externalização.

Referências

- Achenbach, T. M. (1991) Manual for the Child Behavior Checklist/4-18 and profile. Burlington: Department of Psychiatry, University of Vermont.
- Achenbach, T. M., Rescorla, L. A. (2000) Manual for the ASEBA school-age forms & profiles. Burlington: Research Centre for Children, Youth and Families, University of Vermont
- Aded, N. L. O., Dalcin, B. L. G. S., Moraes, T. M., & Cavalcante, M. T. (2006). *Abuso sexual em crianças e adolescentes: Revisão de 100 anos de literatura*. Revista de Psiquiatria Clínica, 33(4), 204-2134.
- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716
- Ainsworth, M. D. S. and Wittig, B. A. (1969). Attachment and exploratory behavior of 1-year-olds in a strange situation. In B. M. Foss (ed.), *Determinants of Infant Behavior*, IV (pp. 111–136).
- Alvarenga, P., Magalhães, M. O., Gomes, Q. S. (2012) *Relações entre práticas educativas maternas e problemas de externalização em pré-escolares*. Estudos em Psicologia, v. 29, p. 33-42.
- Alvarenga, P. & Piccinini, C. A. (2001) *Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares*. Psicologia: reflexão e crítica, v. 14, n.3 p. 449-460.

- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2007). *Preditores do desenvolvimento social na infância: Avanços, a seleção por conseqüências em ação*. (pp. 536-541). Santo André: Esetec.
- Alvarenga, P., & Piccinini C. A. (2009). *Práticas educativas maternas e indicadores do desenvolvimento social no terceiro ano de vida*. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 22(2).
- Baltes, E B. (1968). *Longitudinal and cross-sectional sequences in the study of age and generation effects*. *Human Development*, 11, 145- 171.
- Bem, L.A., Wagner, A. (2006) Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. *Psicologia em Estudo* 11 (1), 63-71.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37 (4),887-907.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monographs*, 4, (1, pt.2), 1-103.
- Belski, J. (1984) The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, v. 55, n.1 p.83-96
- Besnard, T., Verlaan, P., Capuano, F. Poulin, F., Vitaro, F. (2009) Parental practices of mothers and fathers and problem behaviour in preschool children: Differences and similarities. *Revue de Psychoéducation*, v. 38, n.1, p. 15-43
- Bolsoni Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: Uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 227-235.
- Bolsoni-Silva, A. T., Rodrigues, O. M. P. R., Abramides, D. V. M., Souza, L. S., Loureiro, S. R. (2010) Práticas educativas parentais de crianças com deficiência auditiva e de linguagem. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 16, n. 2, p. 265-282.
- Borsa, J. C.; Souza, D. S., Bandeira, D. R. (2011) *Prevalência dos problemas de comportamento em uma amostra de crianças do Rio Grande do Sul*. *Psicol. teor. prat.*, vol.13, n.2, pp. 15-29
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (2006) *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. Martins Fontes, São Paulo SP. Título Original: *Child Care and the Growth of Love* (1976) Londres.
- Bradley, R., Caldwell, B. M., & Stedman, D. J. (Orgs.). (1977). *Infant education: A guide for helping handicapped children in the first three years*. New York: Walker
- Caminha, M. G., Caminham R. M. e Colaboradores (2011) *Intervenções e Treinamento de Pais na Clínica Infantil*. Sinopsys Editora. RS
- Carter C. S. (1998) Neuroendocrine perspectives on social attachment and love. *Psychoneuroendocrinology*, 23 (8), p. 779-818
- Cassoni, C. (2013) *Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura*. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto SP

- Chao, R. K. (1994) Beyond parental control and authoritarian parenting style: understanding chinese parenting through the cultural notion of training. *Child Development*, v. 65, p. 111
- Cia, F., Pamplin, R. C. O., Del Prette, Z. A. P. (2006) Comunicação e participação pais-filhos: correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paideia*, v. 16, n. 35, p. 395-406
- Clarke-Stewart, K. A. (1986). Interactions between mothers and their young children: Characteristics and consequences. *Monographs of the Society for Research in Child Development - Serial*, no. 253, 58, 6-7
- Darling, N., Steinberg, L. (1993) Parenting style as contexto: na integrative model. *Psychological Bulletin*, v. 113, n. 3, p. 487-496.
- Dattilio, F. M. (2011). *Manual de Terapia Cognitivo-Comportamental para casais e famílias*. Porto Alegre: Artmed, p. 41-51.
- D'Avila-Bacarji, K. M. G., Marturano, E. M., & Elias, L. C. S. (2005a). *Suporte parental: um estudo sobre crianças com queixas escolares*. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 107-115.
- Denham, S. A., Renwick, S. M., Holt, R. W. (1991) Working and playing together: Prediction of preschool social-emotional competence from mother-child interaction. *Child Development*, 62, 242-249.
- Dumas, J.E., La Freniere, P.J. (1993) Mother-child relationships as sources of support os estress: A comparision of competente, average, agressive, and anxious dyads. *Child Development*, 64, 1732-1754.
- Falceto, O. G. (2008) Terapia de família. In Cordioli, A. V. *Psicoterapias: abordagens atuais*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 221-244.
- Falceto, O. G., Fernandes, C. L., & Kerber, S. R. (2012). Alerta sobre a depressão pós-parto paterna. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 34(7), 293-295. Recuperado em 12 de novembro, 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/rbgo/v34n7/01.pdf>
- Ferreira, M. C. T., Maturano, E. M. (2002) Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, p. 35-44
- Hazan, C., Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511-524.
- Herman-Stahl, M., & Petersen, A. C. (1996). The protective role of coping and social resources for depressive symptoms among young adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 25, 733-753.
- Hoffman, M. (1975). Moral Internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, 11, 228-239.
- Hoffman, M. (1994). Discipline and Internalization. *Developmental Psychology*, 30, 26-28.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed.

- Lobo, B. de O. M.; Flach, K.; Andretta, I. (2011) *Treinamento de Pais na Terapia Cognitivo-Comportamental para Crianças com Transtornos Externalizantes*. *Psicol. pesq.*, Juiz de Fora , v. 5, n. 2, p. 126-134, dez.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In P. H. Mussen., & E. Hetherington (Eds.). *Handbook of child psychology*. (Vol. 4; Socialization, personality and social development (pp.1-101). New York: Wiley.
- Main, M (1991). Metacognitive knowledge, metacognitive monitoring and singular (coherent) vs multiple (incoherent) models of attachment: findings and directions for future research. In C. M. Parkes & P. Marris (Eds.). *Attachment across the life cycle* (pp. 127-159). London: Routledge.
- Marin, A. (2009) Estabilidade e mudança nas práticas educativas maternas e paternas ao longo dos anos pré-escolares e sua relação com a competência social infantil. Tese de Doutorado UFRGS. Porto Alegre RS
- McDowell, D. J., Parke, R. D., & Spitzer, S. (2002). Parent and child cognitive representations of social situations and children's social competence. *Social Development, 11*, 469-486.
- Moreira, M., Bedran, P., Carellos, S. & Passos, A. (2013). As famílias e as crianças acolhidas: histórias mal contadas. *Psicologia em Revista, 19*, 59-73.
- Mota, M. M. P. E. (2010) Metodologia de Pesquisa em Desenvolvimento Humano: Velhas Questões Revisitadas *Revista: Psicologia em Pesquisa. UERJ 4(02)* 144-149.
- Oliveira, E. A. de, Frizzo, G. B., e Marin, A. H. (2000). Atitudes maternas diferenciais para os meninos e meninas de quatro e cinco anos. *Psicologia: Reflexão e Crítica 13(3)*, 363-371.
- Pacheco, J. T. B., Hutz, C. S. (2004) A construção do comportamento antissocial em adolescentes autores de atos infracionais: uma análise a partir das práticas educativas e dos estilos parentais
- Patterson, C. J., Griesler, P. C., Vaden, N. A., & Kupersmidt, J. B. (1992). Family economic circumstances, life transitions, and children's peer relations. In R. D. Parke & G. W. Ladd (Eds.), *Family-peer relationships: Modes of linkage* (pp. 385-424). Hillsdale, NJ: Erlbaum
- Pesce, R. (2009). Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: Uma revisão da literatura. *Ciência saúde coletiva, 14(2)*.
- Pettit, G. S. & Bates, J. E. (1989). Family interaction patterns and children's behavior problems from infancy to 4 years. *Developmental Psychology, 25*, 413-420
- Piccinini, C. A., Frizzo G. B., Alvarenga P., Lopes R. S., & Tudge J. (2007). Práticas educativas de pais e mães de crianças aos 18 meses de idade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23(4)*.
- Piccinini, C. A., Lopes, R. C., Sperb, T., Gabriel, M., Polli, R., Becker, S. M. S, Martins, G. D. F., Bortolini, M, Cherer, E., Bossi, T. (2012). "Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do sexto mês de vida do bebê ao final dos anos pré-escolares" – CRESCI , projeto não publicado, Instituto de Psicologia, UFRGS.

- Pinheiro, M. I. S., Haase, V. G., Del Prette, A., Amarante, C. L. D., Del Prette, Z. A. P. (2006) Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.19, n. 3, p. 407-414.
- Prati, L. E., Couto, M. C. P., & Koller, S. H. (2009). *Famílias em vulnerabilidade social: Rastreamento de termos utilizados por terapeutas de família*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(3), 403-408.
- Reppold, C., Pacheco, J., & Hutz, C. (2005). Comportamento agressivo e práticas disciplinares parentais. In C. Hutz (Org.). *Violência e risco na infância e adolescência: Pesquisa e Intervenção*. (pp. 9-42). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Salvo, C. G., Silveiras, E. F. M., & Toni, P.M. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia Campinas*, 22(2),187-195.
- Silva, A. T. B. (2000) Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com as habilidades sociais educativas de pais. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP.
- Stake, R. E. (2006). *Multiple case study analysis*. New York: The Guilford Press
- Staudt, A. C. P.; Wagner, A. (2008) Paternidade em tempos de mudança. **Psicologia**: teoria e prática, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 174-185, jan./jul.
- Steinberg, L. (2000). The family at adolescence: transition and transformation. *Journal of Adolescent Health*, 27, 170-178.
- Zamberlan, M. A. T.(2002) Interação mãe-criança: enfoques teóricos e implicações decorrentes de estudos empíricos *Universidade Estadual de Londrina Estudos de Psicologia* 7(2), 399
- Zamberlan, M. A. T, Grossi, R., Moura, C. B., & Boldo, M. A. (1995). Riscos ambientais à criança: reflexões para uma proposta de intervenção preventiva junto à família. *Torre de Babel: Reflexões e Pesquisas em Psicologia*, 2(1), 7-29.
- Zanetti, S. A. S., Gomes, I. C. (2014) *Relação entre funções parentais e o comportamento de crianças pré-escolares*. *Bol. psicol, São Paulo*, v. 64, n. 140, p. 1-20

ANEXOS

Anexo B
FICHA DE DADOS DEMOGRÁFICOS DA FAMÍLIA
 (CRESCI/ NUDIF, 2011)¹

Eu gostaria de algumas informações sobre você e o teu companheiro:

Mãe do bebê (Cód. Identificação):.....

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos):

- Religião:..... Praticante: () sim () às vezes () não

- Local de nascimento?

- Onde viveu a maior parte da vida: () capital () cidade do interior () Zona rural (vila, sítio) Município:.....

- Estado Civil: () casada; () solteira; () separada; () viúva; () com companheiro

- Número de filhos teus: Enteados:

- Filhos teus com atual companheiro (incluir sexo – M ou F e idade):
 Vive junto:; Não vive junto:

- Filhos teus com outro companheiro (incluir sexo – M ou F e idade):
 Vive junto:; Não vive junto:

- Moras com o pai do bebê? Sim () não () Se sim: Desde quando?

- Quem mais mora na casa? (incluir parentesco e idade)

- Número total de pessoas que moram na casa:.....

- Tu trabalhas fora? () sim () não () desempregada

- O que tu fazes (ias)?..... Horas/dia: Dias/semana:

Não trabalha há meses

- Salário:

- Qual a renda familiar mensal (aprox.)?

Moradia: própria () alugada () outro ()

Companheiro (Cód. Identificação):.....

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos):

- Religião:..... Praticante: () sim () às vezes () não

- Local de nascimento?

- Onde viveu a maior parte da vida: () capital () cidade do interior () Zona rural (vila, sítio) Município:.....

- Filhos do companheiro com outra mulher (incluir sexo – M ou F e idade):
 Vive junto:; Não vive junto:

- Trabalha fora? () sim () não () desempregado

- O que faz (ia)?..... Horas/dia: Dias/semana:

Não trabalha há meses

- Salário:.....

Bebê

- Idade gestacional (em semanas):.....

- Peso ao nascer:.....

Informações do pai do bebê (se ele não for o companheiro e for presente)

- Idade:..... Escolaridade (anos concluídos):

- Local de nascimento?

- Onde viveu a maior parte da vida: () capital () cidade do interior () Zona rural (vila, sítio) Município:.....

- Possui outros filhos? (incluir sexo – M ou F e idade):.....

- Trabalha fora? () sim () não () desempregado

- O que faz (ia)?..... Horas/dia: Dias/semana:

Não trabalha há meses

Não possui geladeira nem freezer	0 pt
Possui geladeira simples (não duplex) e não possui freezer	4 pts
Possui geladeira de duas portas e não possui freezer	6 pts
Possui geladeira de duas portas e freezer	6 pts
Possui freezer mas não geladeira (caso raro mas aceitável)	

II. Eu gostaria agora, de algumas informações sobre a tua moradia.²

- Possui Televisores (em cores)? Sim () Quantos? _____ Não ()
- Possui Rádio (qualquer um, menos de automóvel)? Sim() Quantos? _____ Não ()
- Possui Banheiro (definidos pela existência de vaso sanitário e privativos do domicílio)? Sim () Quantos? _____ Não ()
- Possui Automóvel (carro ou moto) (não táxi, vans ou pick-ups usados para atividades profissionais)? Sim () Quantos? _____ Não ()
- Possui Empregada doméstica (apenas mensalistas, que trabalham pelo menos 5 dias por semana)? Sim () Quantas? _____ Não ()
- Possui Máquina de Lavar (automáticas e/ou semi-automáticas)? Sim () Quantas? _____ Não ()
- Possui Videocassete e/ou DVD (qualquer tipo)? Sim () Quantos? _____ Não ()
- Possui Geladeira? Sim () Quantos? _____ Não ()
- Possui Freezer? Sim () Quantos? _____ Não ()

Para fins de pontuação:

Havendo geladeira no domicílio, independente da quantidade, serão atribuídos os pontos (4) correspondentes a possui de geladeira; Se a geladeira tiver um freezer incorporado – 2ª. porta – ou houver no domicílio um freezer independente serão atribuídos os pontos (2) correspondentes ao freezer. As possibilidades são:

Total de Pontos: _____ Classe: _____

Para uso do pesquisador:

Creche:

Local de aplicação:

Data da Coleta: _____

Responsável: _____

¹NUDIF, 2011 adaptada de NUDIF – 2009 (Projeto PREPAR)

² Ítem derivado do Critério de Classificação Econômica Brasil, da ABEP, 2009.

Anexo C

Entrevista sobre Experiência da maternidade (NUDIF/CRESCI, 2014)

1. *Eu gostaria que tu me falasses sobre o período da gravidez*

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como foi para ti saber que estavas grávida?
- Com quanto tempo tu soubeste da gravidez?
- Como tu te sentiste durante a gravidez?
- Como tu vivenciaste emocionalmente a gravidez? E fisicamente como foi para ti? Tu teve alguma complicação?
- Teve alguém que te apoiou na gravidez? Quem foi? Como tu te sentiste?
- Tu tiveste momentos de estresse/dificuldades? Como foram? Como tu te sentiste?

2. *Eu gostaria que tu me falasses sobre o período do nascimento do (nome da criança)*

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como foi para ti o momento do parto do/a *(nome da criança)*?
- Tu tiveste alguma complicação durante ou após o parto?
- Como tu te sentiste nos dias e semanas logo após o nascimento *(nome)*?
- Como foi para ti amamentar? Por quanto tempo o/a *(nome)* foi amamentado?
- Como foram para ti os primeiros dias e semanas após o nascimento?
- O/a *(nome)* teve algum problema nos primeiros meses de vida?
- Como foi para ti a tua experiência como mãe nesse período?
- Como tu achas que foi para o teu marido a experiência dele como pai nesses primeiros meses?

3. *Eu gostaria de falar sobre o teu dia-a-dia com o/a (nome) agora que ele está com 4/5 anos.*

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Que tarefas tu tens assumido com relação aos cuidados do/a *(nome)*?
- Que coisas tu mais gostas de fazer com ele/a? Por quê?
- Que coisas tu menos gostas de fazer com ele/a? Por quê?
- O/a *(nome)* tem apresentado nos últimos dias algum problema de saúde? Se sim, como tu vens lidando com esses problemas no dia-a-dia? Desde quando esses problemas de saúde estão presentes?

4. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre a experiência de ser mãe do/a (nome) aos 4/5 anos.*

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como tu estás te sentindo como mãe do/a *(nome)* neste momento?
- Tu estás tendo alguma dificuldade?
- Tu imaginavas que seria assim?
- Como tu te descreverias como mãe do/a *(nome)*?
- Tu pensas em alguém como modelo de mãe? Quem seria?
- Tu evitas algum modelo de mãe que tu já conheceste?
- E a tua mãe, como ela era contigo? O que ela costumava te dizer/fazer que tu mais lembra? E o que mais?
- O teu jeito de cuidar do/a *(nome)* é parecido ou diferente do dela?

- E o teu pai, como ele era contigo? O que ele costumava dizer/fazer que tu mais lembra? E o que mais?
- O teu jeito de cuidar do/a (*nome*) é parecido ou diferente do dele?
- (*Se tem irmãos*) Como é a relação (*nome*) com os irmãos?
- O que eles gostam de fazer juntos? E o que não gostam?
- Tu pensas em ter outros filhos? (*Se sim*): Já está planejando? (*Se não*): Por quê?
- Tu vivenciaste alguma situação/período estressante/difícil nos últimos tempos? O que foi? Como tu te sentiste?
- Como o/a (*nome*) reagiu a esta situação/período?

5. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre como tu estás vendo o pai do/a (nome).*

(Caso não tenha mencionado): tu poderias me falar um pouco mais sobre...

- Como é a relação do/a (*nome*) com o pai?
- Que coisas o/a (*nome*) mais gosta de fazer com o pai? Que coisas ele/a menos gosta?
- Ele costuma ficar com o/a (*nome*)? (*Se sim*) Com que frequência ele fica? Quanto tempo?
- Qual o envolvimento do pai com o (*nome*)? O que ele costuma fazer?
- E como o/a (*nome*) reage?
- O que mais te agrada no jeito dele lidar com o/a (*nome*)? Algo te desagradava?
- Como vocês se organizam em relação aos cuidados do/a (*nome*) no dia a dia?
- Como tu achas que ele está sendo como pai do/a (*nome*)? Por quê? Era como tu imaginavas?
- Como está a relação de vocês dois neste momento? Alguma coisa mudou no último ano? (*Se sim*) O que mudou?
- Vocês têm alguma discordância com relação aos cuidados do/a (*nome*)? Quais são? Como vocês lidam com as discordâncias?

6. *Eu gostaria que tu falasses um pouco sobre os momentos em que o/a (nome) fica longe de ti...*

(Caso não tenha mencionado): Tu poderias falar um pouco mais sobre...

- Quais são estes momentos? Como ele/a reage? E tu, como te sentes?
- Como são os momentos em que vocês se reencontram? Como ele/a reage? E tu, como te sentes?
- Com quem ele/a é mais agarrado? E tem mais alguém? Em que momentos tu percebes isso? Como te sentes?
- Como é a reação do/a (*nome*) diante de pessoas estranhas? Como tu te sentes?

7. *O/a (nome) frequenta a escolinha?*

- Como ele/a está na escolinha? Está gostando? O que ele/a te fala?
- Como é o relacionamento dele/a com os colegas? E com os professores?
- Como tu avalia a escolinha que o/a (*nome*) frequenta?
- O que tu mais gostas nesta escolinha?
- Algo te desagradava? Tu achas que algo poderia ser diferente?
- Como tu avalia a comunicação entre ti e as educadoras?
- Vocês costumam conversar?
 - (*Se sim*) Sobre o quê costumam conversar?
 - (*Se não conversam*) Você gostaria de conversar com elas? Sobre o quê?
- Como tu te sentes com tua participação na escolinha?
- Das habilidades que o/a (*nome*) adquiriu nesse último ano, o que tu atribui a escolinha?
- Tem alguma coisa que te chama atenção ou te preocupa em relação à escolinha?

- Tem outras pessoas te ajudando a cuidar do/a (nome)(além da creche)?
- Quantas horas esta(s) pessoa(s) fica(m) com o (nome)?
- Como tu te sentes com outra(s) pessoa(s) cuidando do/a (nome)?
- O que te agrada? Algo te desagrada?
- Como o/a (nome) reage quando outra pessoa cuida dele/a?
- Como tu avalias o cuidado que esta(s) pessoa(s) oferece(m) ao teu/a filho/a?
- Das habilidades que o/a (nome) adquiriu nesse último ano, tu atribuis alguma delas a este tipo de cuidado?
- Como é o relacionamento do/a (nome) com essa pessoa?

8. *Tu gostarias de acrescentar alguma coisa a tudo isso que a gente conversou?*

Anexo D

INVENTÁRIO DOS COMPORTAMENTOS DE CRIANÇAS ENTRE 1½ E 5 ANOS - CBCL - 1½/5

NOME COMPLETO DA CRIANÇA:			ID (para uso exclusivo do aplicador):
SEXO DA CRIANÇA	IDADE DA CRIANÇA	ETNIA / RAÇA	TIPO DE TRABALHO DOS PAIS, mesmo que não estejam trabalhando no momento. (Por favor, seja específico - por exemplo: mecânico de automóveis, professor(a) de ensino médio, dona de casa, operário, vendedor de sapato, sargento do exército).
<input type="checkbox"/> MASCULINO <input type="checkbox"/> FEMININO			
DATA DA AVALIAÇÃO:		DATA DE NASCIMENTO:	
DIA _____ MÊS _____ ANO _____	DIA _____ MÊS _____ ANO _____		
POR FAVOR, RESPONDA TODOS OS ITENS DE ACORDO COM O MODO COMO VOCÊ VÊ O COMPORTAMENTO DE SEU/SUA FILHO(A), MESMO QUE OUTRAS PESSOAS POSSAM NÃO CONCORDAR. ESTEJA A VONTADE PARA ESCREVER QUAISQUER COMENTÁRIOS ADICIONAIS ABAIXO DE CADA QUESTÃO E NO ESPAÇO LIVRE DA PÁGINA 2. CERTIFIQUE-SE DE RESPONDER TODOS OS ITENS.			
SUA RELAÇÃO COM A CRIANÇA:			FORMULÁRIO PREENCHIDO POR (NOME COMPLETO):
<input type="checkbox"/> MÃE <input type="checkbox"/> PAI <input type="checkbox"/> OUTRO (ESPECIFIQUE):			
Logo abaixo, você encontrará uma lista de afirmações que descrevem as crianças. Para cada afirmação que descreva seu/sua filho(a) neste momento ou nos últimos dois meses, trace um círculo à volta do 2 se for MUITO VERDADEIRA OU FREQUENTEMENTE VERDADEIRA . Trace um círculo à volta do 1 se a afirmação for UM POUCO VERDADEIRA OU ALGUMAS VEZES VERDADEIRA em relação ao seu/sua filho(a). Se a afirmação NÃO É VERDADEIRA em relação ao seu/sua filho(a), trace um círculo à volta do 0. Por favor, responda a todas as afirmações o melhor que possa, mesmo que algumas não pareçam aplicáveis ao seu/sua filho(a).			
0 = NÃO É VERDADEIRA (TANTO QUANTO SABE)		1 = UM POUCO VERDADEIRA OU ALGUMAS VEZES VERDADEIRA	
		2 = MUITO VERDADEIRA OU FREQUENTEMENTE VERDADEIRA	
0 1 2	1. Dores (sem causa médica, não incluir dor de estômago ou dor de cabeça)	0 1 2	21. É perturbado(a) por qualquer mudança na rotina
0 1 2	2. Comporta-se de maneira muito infantil para a sua idade	0 1 2	22. Não quer dormir sozinho(a)
0 1 2	3. Tem medo de tentar coisas novas	0 1 2	23. Não responde quando pessoas falam com ele(a)
0 1 2	4. Evita olhar os outros nos olhos	0 1 2	24. Não come bem (descreva): _____
0 1 2	5. Não consegue se concentrar, não consegue ficar atento(a) muito tempo	0 1 2	25. Não se dá bem com outras crianças
0 1 2	6. Não consegue parar sentado(a), é irrequieto(a) ou hiperativo	0 1 2	26. Não sabe como se divertir; age como um(a) pequeno(a) adulto(a)
0 1 2	7. Não suporta ter as coisas fora do lugar	0 1 2	27. Não parece sentir-se culpado(a) depois de se comportar mal
0 1 2	8. Não suporta esperar; quer tudo imediatamente	0 1 2	28. Não quer sair de casa
0 1 2	9. Mastiga coisas que não são comestíveis	0 1 2	29. Frustra-se facilmente
0 1 2	10. Agarra-se aos adultos ou é muito dependente	0 1 2	30. Sente ciúmes com facilidade
0 1 2	11. Constantemente procura ajuda	0 1 2	31. Come ou bebe coisas que não são alimentos - não incluir doces (descreva): _____
0 1 2	12. Tem prisão de ventre, intestino preso (quando não está doente)	0 1 2	32. Tem medo de certos animais, situações ou lugares (descreva): _____
0 1 2	13. Chora muito	0 1 2	33. Magoa-se facilmente
0 1 2	14. É cruel com animais	0 1 2	34. Machuca-se com frequência, tem tendência a sofrer acidentes
0 1 2	15. Desafiador(a)	0 1 2	35. Mete-se em muitas brigas
0 1 2	16. Suas exigências devem ser atendidas imediatamente	0 1 2	36. Mete-se em tudo
0 1 2	17. Destroí suas próprias coisas	0 1 2	37. Fica muito aflito(a) quando separado(a) dos pais
0 1 2	18. Destroí coisas de sua família ou de outras crianças	0 1 2	38. Tem dificuldade para dormir
0 1 2	19. Tem diarreia ou intestino solto (quando não está doente)		
0 1 2	20. É desobediente		

COPYRIGHT T.M. ACHENBACH. REPRODUCED UNDER LICENSE #207-12-04-06. PROIBIDA REPRODUÇÃO NÃO AUTORIZADA.

Tradução: Silves, E. F. M.; Rocha, M. M. & Equipe Projeto Enurese (2008). Versão brasileira não publicada do inventário "Child Behavior Checklist for ages 1½-5" (Achenbach & Rescorla, 2000).

PROFª DRA. EDWIGES FERREIRA DE MATTOS SILVARES
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
AV. PROF. MELO MORAES, 1721 / SÃO PAULO - SP
efdmilv@usp.br

CERTIFIQUE-SE DE QUE RESPONDEU TODOS OS ITENS.
ENTÃO, VÁ PARA A PRÓXIMA PÁGINA.

POR FAVOR, CERTIFIQUE-SE DE RESPONDER TODOS OS ITENS.

0 = NÃO É VERDADEIRA (TANTO QUANTO SABE)	1 = UM POUCO VERDADEIRA OU ALGUMAS VEZES VERDADEIRA	2 = MUITO VERDADEIRA OU FREQUENTEMENTE VERDADEIRA
0 1 2 39. Tem dores de cabeça (sem causa médica)		0 1 2 72. Mostra muito pouco medo de se machucar
0 1 2 40. Bate nos outros		0 1 2 73. É muito acanhado(a) ou tímido(a)
0 1 2 41. Prende sua respiração		0 1 2 74. Dorme menos do que a maioria das crianças durante o dia e/ou noite (descreva): _____
0 1 2 42. Machuca animais ou pessoas sem intenção		0 1 2 75. Suja-se ou brinca com as fezes
0 1 2 43. Parece infeliz sem um bom motivo		0 1 2 76. Tem problema de fala (descreva): _____
0 1 2 44. É mal-humorado(a)		0 1 2 77. Fica aérea ou parece preocupada
0 1 2 45. Náuseas, enjôo (sem causa médica)		0 1 2 78. Tem dores de estômago ou cólicas (sem causa médica)
0 1 2 46. Tem movimentos nervosos ou tiques (descreva): _____		0 1 2 79. Muda rapidamente entre tristeza e alegria
0 1 2 47. É nervoso(a) ou tenso(a)		0 1 2 80. Tem comportamento estranho (descreva): _____
0 1 2 48. Tem pesadelos		0 1 2 81. É teimoso(a), mal-humorado(a) ou fácil de irritar
0 1 2 49. Come demais		0 1 2 82. Tem mudanças repentinas de humor ou de sentimentos
0 1 2 50. Sente-se cansado(a) demais		0 1 2 83. Fica facilmente emburrado(a)
0 1 2 51. Entra em pânico sem um bom motivo		0 1 2 84. Fala ou chora durante o sono.
0 1 2 52. Sente dores intestinais (sem causa médica)		0 1 2 85. Faz birra ou é esquentado(a)
0 1 2 53. Ataca fisicamente as pessoas		0 1 2 86. Muito preocupada com organização ou limpeza
0 1 2 54. Cutuca o nariz, a pele ou outras partes do corpo (descreva): _____		0 1 2 87. É muito medroso ou ansioso
0 1 2 55. Mexe demais nas partes íntimas		0 1 2 88. Não é cooperativo(a)
0 1 2 56. Desastrado(a) ou tem falta de coordenação		0 1 2 89. É pouco ativo(a), seus movimentos são lentos ou tem falta de energia
0 1 2 57. Problemas com os olhos (sem causa médica) (descreva): _____		0 1 2 90. Xinga ou fala palavrões
0 1 2 58. Seu comportamento não muda com punição		0 1 2 91. É barulhento(a) demais.
0 1 2 59. Muda de uma atividade para outra rapidamente		0 1 2 92. Incomoda-se com pessoas ou situações novas (descreva): _____
0 1 2 60. Assaduras ou outros problemas de pele (sem causa médica)		0 1 2 93. Vômitos (sem causa médica)
0 1 2 61. Recusa-se a comer		0 1 2 94. Acorda frequentemente à noite
0 1 2 62. Recusa-se a brincar de jogos movimentados		0 1 2 95. Foge
0 1 2 63. Balança a cabeça ou o corpo repetidamente		0 1 2 96. Quer muita atenção
0 1 2 64. Resiste a ir para a cama à noite		0 1 2 97. Choraminga.
0 1 2 65. Resiste ao treinamento para o uso do banheiro (descreva): _____		0 1 2 98. Isola-se, não se relaciona com os outros
0 1 2 66. Grita muito		0 1 2 99. Preocupa-se muito
0 1 2 67. Parece não responder a afeto (carinho)		100. Por favor, escreva outros problemas do seu/sua filho(a) que não tenham sido mencionados acima
0 1 2 68. Mostra-se pouco à vontade ou facilmente envergonhado		0 1 2 _____
0 1 2 69. É egoísta ou não divide		0 1 2 _____
0 1 2 70. Mostra pouco afeto (carinho) pelas pessoas		0 1 2 _____
0 1 2 71. Mostra pouco interesse pelas coisas ao seu redor		

Seu/sua filho(a) tem alguma doença ou deficiência (física ou mental)? Não Sim—Por favor, descreva:

Qual é a sua maior preocupação com relação a seu/sua filho(a)?

Por favor, descreva os aspectos mais positivos do(a) seu/sua filho(a).

GRAZIELA IOCHIMS SPOLAVORI

**Relação Mãe-Criança e Problemas de Comportamentos Externalizantes
em crianças de 6 meses a 4 anos:
Estudo Longitudinal**

**Trabalho de Conclusão do Curso de
Especialização em Infância e Família: Avaliação,
Prevenção e Intervenção da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul como requisito parcial à
obtenção do título de Especialista.**

Orientadores:

César Augusto Piccinini

Marcela Bortolini

Porto Alegre

2017